



PUC

Martha Hirsch Gusmão

OLHAR, COMPREENDER E CONCLUIR
UMA CONTRIBUIÇÃO À QUESTÃO DO TEMPO LÓGICO
NA TEORIA E PRÁTICA PSICANALÍTICA

Dissertação de Mestrado

Departamento de Psicologia

Rio de Janeiro, 28 de abril de 1995

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

RUA MARQUÊS DE SÃO VICENTE, 225 — CEP 22453

RIO DE JANEIRO — BRASIL

M. Chénada: 150 / G9820 / TESE UC

Título: Char, comprender e concluir:



0 0 9 1 3 1 9

Ex: CENTRAL

1808

Martha Hirsch Gusmão

OLHAR, COMPREENDER E CONCLUIR

**UMA CONTRIBUIÇÃO À QUESTÃO DO TEMPO LÓGICO
NA TEORIA E PRÁTICA PSICANALÍTICA**

Dissertação de Mestrado

Orientador: Sérvulo Augusto Figueira, PhD.

Departamento de Psicologia
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
fevereiro de 1995

Martha Hirsch Gusmão

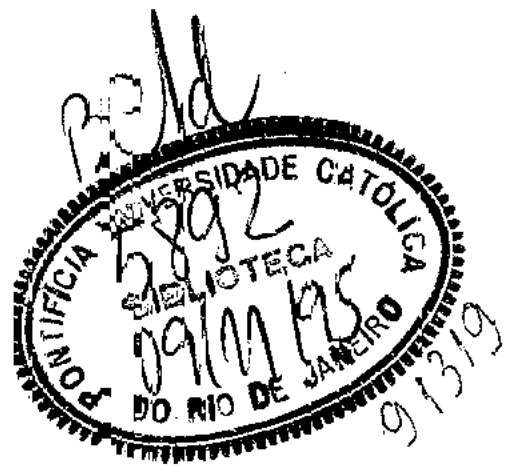
OLHAR, COMPREENDER E CONCLUIR
UMA CONTRIBUIÇÃO À QUESTÃO DO TEMPO LÓGICO
NA TEORIA E PRÁTICA PSICANALÍTICA

Dissertação de Mestrado apresentada à Pós-Graduação do Departamento de Psicologia como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Sérvulo Augusto Figueira, PhD.

Pós-Graduação
Departamento de Psicologia
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
fevereiro de 1995

UC 63371-9



150
99820
TESE UC

Para Carlos Eduardo, Maria

e Eduardo, que vem por aí.

AGRADECIMENTOS

À CAPES, por ter fornecido recursos que viabilizaram a pesquisa e a redação da dissertação.

Ao Departamento de Psicologia da PUC, especialmente à Marise e Vera, pelo carinho e eficiência.

Aos colegas do curso de mestrado, pela agradável convivência.

Sérvulo Augusto Figueira, pelo profissionalismo e imparcialidade, pela ajuda e incentivo à publicação, por seu estilo claro, objetivo, bem humorado.

Circe Navarro Vital Brazil, pelos bons momentos em sala de aula, pela rica e difícil experiência da parceria no curso de graduação, pela dedicação e firmeza em suas posições.

Octavio de Souza, pela preciosa contribuição durante vários anos de minha formação.

Carlos Eduardo Estellita Lins, que, ora interlocutor, ora consultor, foi cúmplice de todos os momentos.

Maria Gusmão Estellita Lins e sua alegria.

Erika Hirsch Gusmão, pela revisão e auxílio na tradução dos textos germânicos, por sua infinita disponibilidade.

Else Hirsch, por seu interesse e incentivo.

Abdon, Ligia e Vania Estellita Lins, pela constante ajuda, pelo carinho e atenção.

Jayme Aranha Filho e Ana Luiza Martins Costa, sempre aí.

Mary Kleinman, a transmissão.

PALAVRAS CHAVE

antecipação

certeza

demora

duração

Durcharbeiten (elaboração)

dúvida

escansão suspensiva

instante do olhar

inconsciente

intemporalidade do inconsciente

Jacques Lacan

moção suspensa

momento de concluir

Nachträglichkeit (posterioridade ou só depois)

pressa

psicanálise

sessão, "sessões curtas"

Sigmund Freud

sofisma

tempo lógico

tempo para compreender

temporalidade

RESUMO

Esta dissertação trata da questão do tempo lógico na teoria e prática psicanalítica. Iniciamos nossa pesquisa analisando nos textos de Freud os três conceitos que apresentam uma estreita relação com o conceito de tempo lógico: a intemporalidade do inconsciente, a posterioridade ou só depois (*Nachträglichkeit*) e a elaboração (*Durcharbeiten*).

A seguir, discutimos o artigo de Lacan "O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada" e situamos as três instâncias temporais (instante do olhar, tempo para compreender e momento de concluir), a questão da demora e da pressa e as moções suspensas em relação à experiência da análise.

Por fim, a partir de um estudo do texto freudiano "Análise terminável e interminável" abordamos a relação entre tempo lógico e a duração do tratamento psicanalítico, para então discutir o problema do tempo da sessão, mostrando que apenas as sessões de duração variável são passíveis de fundamentação através do conceito de tempo lógico.

ABSTRACT

The present work discusses the question of logical time on psychoanalytical theory and clinical practice. This study begins stressing three freudian concepts which present an intimate relation to the lacanian concept of logical time: intemporality of the unconscious, posteriority (*Nachträglichkeit*) and working-through (*Durcharbeiten*).

Then, Lacan's article is discussed ("The logical time and the assertion of anticipated certainty") and its so called timely cornerstones (regarding instant, time to understand and moment of conclusion), the problem of retard and haste and the suspended motions related to the clinical experience of psychoanalysis.

Concluding, based on a study of the Freudian paper "Terminable and interminable analysis", we mentioned the relation between logical time and the duration of psychoanalytical treatment in order to discuss the sessions duration, showing that only the sessions of variable duration are able to be subjected to fundamentation through the concept of logical time.

ZUSAMMENFASSUNG

Die vorliegende Arbeit betrifft die Frage der logischen Zeit in der psychoanalytischen Theorie und Praxis. Die Forschung haben wir mit der Analyse der drei Begriffe in Freuds Texten begonnen, die eng mit dem der logischen Zeit zusammenhängen: der zeitlose Charakter des Unbewussts, die Nachträglichkeit und das Durcharbeiten.

Daraufhin haben wir Lacans "Die logische Zeit und die Behauptung vorzeitiger Gewissheit" erörtert und die zeitlichen Instanzen (Augenblick des Schauens, Verständniszeit und Abschlussmoment), das Problem der Langwierigkeit und der Eile sowie die aufgehobene Bewegung in Bezug auf die Erfahrung der Analyse festgestellt.

Abschliessend haben wir, basiert auf den Freudschen Text: "Die enliche und die unendliche Analyse" das Thema der Beziehung zwischen logischer Zeit und der Dauer der psychoanalytischen Behandlung angeschnitten, um dann das Problem der Sprechstundendauer zu erörtern und gleichzeitig zu zeigen, dass nur die Sprechstunden variierbarer Dauer durch den Begriff der logischen Zeit einer Grundlegung unterliegen können.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1	
1	FREUD E O TEMPO (LÓGICO?)	9
1.1	A intemporalidade do inconsciente	
1.1.1	Kant e a Estética transcendental	
1.1.2	Freud com e contra Kant	
1.2	Nachträglichkeit	
1.3	Durcharbeiten	
2	LACAN E O TEMPO LÓGICO	38
2.1	O sofisma de Lacan	
2.2	Discussão do sofisma	
2.3	O sofisma e suas relações com o tratamento psicanalítico	
2.3.1	O instante do olhar, o tempo para compreender e o momento de concluir	
2.3.2	A questão da demora e da pressa em relação à certeza e à dúvida	
2.3.3	Moção suspensa ou escansão suspensiva	
3.	O TEMPO LÓGICO E O PROBLEMA DA DURAÇÃO	68
3.1	A duração de uma análise	
3.2	A duração de uma sessão	
3.2.1	Freud e o tempo das sessões	
3.2.2	Lacan e as sessões curtas	
3.3	A polêmica em torno das sessões curtas: de Lacan aos "lacanianos"	
	CONCLUSÃO	98
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	100
	BIBLIOGRAFIA	103

INTRODUÇÃO

Esta dissertação trata da questão do tempo lógico na teoria e na prática psicanalítica. O termo "tempo lógico" foi empregado pela primeira vez por Jacques Lacan em 1945 em seu artigo intitulado "O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada". Em decorrência das constantes retomadas deste tema através de todo o percurso teórico de Lacan, este termo adquiriu a dimensão de um conceito. Ao mesmo tempo, a relação deste conceito com a prática psicanalítica, mais especificamente com a questão da duração das sessões, parece ter sido hipertrofiada e até distorcida, ficando em segundo plano ou até mesmo esquecida toda a sua abrangência teórica.

O que motivou nossa reflexão sobre este tema foi, portanto, a observação do modo como o conceito de tempo lógico é freqüentemente empregado, tanto pelo público leigo, como até no meio psicanalítico, enquanto sinal distintivo de uma prática chamada de "lacaniana". Esta prática diferiria da psicanálise ortodoxa na medida em que as sessões não teriam uma duração pré-estabelecida e, de um modo geral, seriam bem mais curtas do que a sessão "standard". Em outros termos, o tempo lógico estaria sendo tratado como sinônimo de "sessão curta". Esta observação nos levou a levantar as seguintes questões:

- 1 Qual a abrangência do conceito de tempo lógico na teoria psicanalítica?
- 2 Qual a relação entre tempo lógico e o tempo da sessão?

Dois tipos de preocupação nortearam nossa investigação: a questão da difusão da psicanálise e a nossa prática clínica. Na verdade este tema já nos intrigava há muito tempo. Ao indagarmos a esse respeito, obtínhamos respostas evasivas e insuficientes, que não acrescentavam nada ao que já "sabíamos" : o tempo lógico, com certeza, era algo que tinha a ver com o tempo das sessões. Era o motivo para elas não terem uma duração fixa. Os analistas lacanianos nem

sempre atendiam seus pacientes na hora marcada; devido à variação do tempo das sessões, os atrasos eram comuns. As salas de espera dos consultórios "lacanianos" tinham conseqüentemente um movimento bastante animado. Os analisandos faziam amizade entre si, jogavam cartas, trocavam livros, artigos, receitas, telefones, etc...

A este "saber", com o passar do tempo acrescentou-se a experiência de nossa análise pessoal e nossa prática clínica, que nos forneceram uma compreensão maior a respeito do corte da sessão como intervenção psicanalítica. Mas o conceito de tempo lógico ainda permaneceu pouco conhecido para nós até que em 1991 recebemos um convite para participar de uma jornada de psicanálise, cujo tema central era o tempo. Apresentamos então um trabalho chamado "Em busca do tempo (lógico) perdido", que consistia numa análise do artigo de Lacan "O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada". As questões que emergiram a partir deste trabalho nos motivaram a elaborar um plano de estudos para o mestrado em psicologia clínica.

No decorrer do curso de mestrado, produzimos e publicamos dois artigos relacionados ao tema escolhido. O primeiro, "A questão do tempo lógico na teoria e prática psicanalítica" consiste numa apresentação sucinta do tempo lógico em suas relações com a teoria e a prática da psicanálise. O segundo é um comentário do texto de Freud "Análise terminável e interminável". Ambos se tornaram parte integrante desta dissertação.

Dentro da divisão de três capítulos a que chegamos, o primeiro capítulo trata da temporalidade em Freud. Nosso ponto de partida foi a hipótese de que existem elementos na obra de Freud que permitem a compreensão do conceito de tempo lógico de Lacan. Privilegiamos aqueles que estão intimamente ligados à problemática lacaniana do tempo lógico, a saber: a intemporalidade do inconsciente e os conceitos de *Nachträglichkeit* (posterioridade ou só depois) e de *Durcharbeiten* (elaboração). Ao expormos a temporalidade em Freud partimos de algumas revisões gerais sobre o assunto, que sem serem exaustivas, nos instrumentalizaram na abordagem

do campo teórico e, reunidas, forneceram um quadro bastante abrangente da questão (Ruffiot e Corre, Josaida Gondar, John Forrester). É preciso reconhecer que não tivemos a pretensão de nos estender neste levantamento conceitual a partir das revisões temáticas, nem tampouco criticá-las, ou ainda menos realizar este tipo de pesquisa diretamente e sem auxílio na obra de Freud. Isto justifica-se pela opção temática que fizemos, onde a temporalidade na obra freudiana tem apenas função introdutória de contextualizar a apropriação de Lacan e evidenciar sua legitimidade e fidelidade. Escaparia aos nossos objetivos refazer o caminho dos autores em que nos baseamos.

Ao estudarmos a intemporalidade do inconsciente discutimos o significado de *zeitlos* e os problemas semânticos envolvidos. Percorremos o tema do esquecimento, de uma memória indelével e as três características da intemporalidade do inconsciente, indicando sua íntima relação com o tempo lógico. Finalmente, chegamos à relação da consciência com o tempo, que suscita o problema filosófico da interpretação do tempo na herança kantiana. Discutimos a noção de tempo da estética transcendental a fim de esclarecer a interpretação freudiana de Kant. Problematizamos de que modo Freud se apoia em Kant para sustentar seus argumentos sobre a intemporalidade e de que modo o "inconsciente desprovido de tempo" seria uma contribuição da psicanálise para o pensamento filosófico. Podemos considerar nossa exposição do problema bastante sintética mas cuidadosa, tendo o mérito de esclarecer uma questão que fica geralmente (para nosso espanto) apenas sugerida pelos comentadores deste assunto.

A *Nachträglichkeit* (posterioridade, só depois) evoca problemas de tradução incontornáveis, que devem ser percorridos para que se possa entender a importância do conceito na obra de Freud e o mérito de Jacques Lacan por ter concedido o devido privilégio a este conceito. Também é analisada nesta parte a relação do "*nachträglich*" com o trauma e a fantasia, além de seu prolongamento na teorização de Lacan e sua vinculação com a questão do tempo lógico.

Encerramos este capítulo inicial com uma análise da tradução e do sentido de elaboração na obra freudiana, indicando sua provisoriedade e também seu alcance. A adesividade da libido é enfocada como fator genético para o conceito. Uma análise do texto "Recordar, repetir e elaborar" revela a importância da elaboração enquanto engendrada pela interpretação psicanalítica. Ressaltamos também a retomada deste conceito como equivalente ao tempo para compreender, que vem a ser uma das instâncias temporais apresentadas por Lacan no artigo sobre o tempo lógico.

O segundo capítulo é o principal desta dissertação, pois constitui sua espinha dorsal. Trata-se de uma análise crítica do texto de Lacan. Expusemos a situação histórica do artigo na obra, suas modificações e o problema de suas múltiplas reapropriações. Discutimos também nossa opção pela versão de 1966 do artigo, publicada nos "Écrits", fundamentalmente devido à sua maior difusão e divulgação, além do aval evidente do autor. Poderiam nos objetar que a primeira versão é consideravelmente diferente da segunda, e que por isso deveria ser igualmente analisada. Esta tarefa, embora pertinente, seria desnecessária já que Erik Porge realizou um trabalho exaustivo neste sentido, cuja conclusão é perfeitamente compatível com nossa opção metodológica. Lacan submeteu a primeira versão ao equipamento conceitual construído posteriormente, incorporando termos e conceitos que convergem para a edição que utilizamos e a transformam em paradigma quando o assunto é o tempo lógico.

Mostramos detalhadamente em que consistem as três etapas lógicas do sofisma e das instâncias temporais envolvidas (instante do olhar, tempo para compreender e momento de concluir). A seguir empreendemos uma discussão do sofisma, ressaltando a importância do conceito de sujeito, que se delinea a partir de noções operatórias na lógica temporalizada do sofisma, tais como antecipação, precipitação, pressa, escansão e moção suspensa.

Tentamos indicar como Lacan privilegia explicitamente um modo de tempo não

cronológico, ou seja, uma temporalidade que não é constituída pela sucessão dos instantes. Reconhecemos que um exame dos pressupostos filosóficos de Lacan e da relação da teorização metapsicológica psicanalítica com o discurso filosófico seria importante para aprofundar o problema. Lembramos entretanto, que um passo inicial nesta direção foi dado por nós ao discutirmos a estética transcendental de Kant, mas, uma das limitações deste trabalho (mas que constitui paradoxalmente seu mérito) é ater-se estritamente à problemática explícita no texto em questão. Para um encaminhamento na direção supracitada, seria importante avaliar a contribuição de Alain Jurainville em "Lacan e a Filosofia".

Abordamos então a interpretação global de Erik Porge em seu importante livro "Psicanálise e tempo: o tempo lógico de Lacan", que constitui o estudo mais extenso e abrangente sobre o tema publicado até o momento. Indicamos o modo como se situa para ele o texto na obra de Jacques Lacan e justificamos nossa empresa a partir de sua periodização. A virtual objeção de que teríamos apenas seguido um trabalho pioneiro no assunto não nos parece cabida, pois nossa pesquisa desenvolveu-se de modo independente do mesmo mas acabou por chegar a conclusões semelhantes no que concerne por exemplo a periodização utilizada. Deve-se notar que nossa investigação acerca da incidência clínica do tempo lógico não encontra precedente na obra de Porge.

Estudamos então as relações do sofisma com o tratamento psicanalítico, partindo da hipótese de que o sofisma serve de instrumental para reflexão sobre o tratamento, funcionando como um tipo de metáfora para a clínica. Avançamos nesta direção discutindo alguns elementos do sofisma que decidimos privilegiar: as três instâncias temporais (instante do olhar, tempo para compreender e momento de concluir), a questão da demora e da pressa em relação à certeza e à dúvida e as moções suspensas ou escansões suspensivas. Esta é nossa contribuição mais original, devendo ser entendida como uma investigação que percorre direções sugeridas por autores

integrantes de nossa revisão bibliográfica.

Este capítulo se encerra no estudo destas vertentes. As três instâncias temporais em sua articulação com a *Nachträglichkeit* (posterioridade ou só depois) e a elaboração são analisadas a partir da interpretação lacaniana da obra de Freud. Discutimos os modos de subjetivação e constituição do sujeito envolvidos na lógica temporalizada do sofisma, dando ênfase aos binômios demora-pressa e certeza-dúvida. Finalmente, percorremos a etimologia de moção e escansão para discutir sua relação com a pontuação e o corte frente à questão do fim da sessão. A intervenção do psicanalista durante as sessões guarda uma pertinente analogia com as moções suspensas ou escansões suspensivas do sofisma de Lacan.

O terceiro capítulo é decorrência necessária dos dois anteriores, pois tematiza a incidência clínica da noção de tempo lógico através da questão sobre a duração, que constitui o aspecto prático de uma problemática teórica abstrata bastante complexa. Não evitamos este debate, mas para encaminhá-lo procuramos mostrar como Lacan distingue as diferentes incidências do tempo na técnica psicanalítica: primeiro, em relação à duração do tratamento psicanalítico e a seguir, em relação à duração da sessão.

Em sua primeira parte, estudamos detalhadamente o texto freudiano "Análise terminável e interminável" (Freud, 1937a; 1937b), onde é abordado o problema da fixação antecipada do término do tratamento e discutida a possibilidade de se conduzir uma análise até o fim. Procuramos deste modo analisar a questão da duração e da finitude do tratamento psicanalítico. Problematicamos a polêmica entre Ferenczi e Freud, indicando que Lacan situa-se em continuidade com as posições complementares de ambos. Propusemos inclusive uma nova tradução para o título original do artigo de Freud. Evitamos, naturalmente, a discussão sobre as inovações práticas de Lacan nas instituições de psicanálise em que participou, pois escapam ao nosso problema. Embora um pouco longa e excessivamente presa à escrita de Freud,

consideramos esta apresentação muito importante para a tematização do que se segue.

Poderíamos talvez sofrer a severa crítica que nos acusaria de termos organizado o capítulo e a argumentação nos centrando em uma analogia entre a duração do tratamento e a duração da sessão, que só é legitimada por uma única passagem de Lacan. Este argumento parece-nos parcial e apressado, pois embora somente seja possível indicar um raro momento explícito, toda a coerência e todos os desenvolvimentos temáticos posteriores de Jacques Lacan se organizam de acordo com esta hipótese, o que fornece garantias à nossa perspectiva. Portanto, podemos dizer que nos baseamos em elementos implícitos e sugeridos, que são fartamente indicados no decorrer do capítulo.

Na segunda parte deste capítulo discutimos o difícil problema da duração das sessões a partir de alguns depoimentos, relatos e textos teóricos que permitem reconstituir a atitude e a prática de Sigmund Freud e Jacques Lacan em suas respectivas épocas. Interessa-nos não apenas o contraste elucidativo mas sobretudo indicar o caráter provisório e experimental que é *característico deste campo ainda aberto para o questionamento*. A relação entre tempo lógico e a duração das sessões é estudada, mostrando que apenas as sessões de tempo variável são passíveis de fundamentação através do conceito de tempo lógico. Qualquer outro tipo de prática justifica-se em termos de uma convenção, uma questão de estilo ou em motivos de ordem pessoal.

Encerramos a dissertação com uma abordagem de uma questão inquietante e atual, que é a polêmica em torno das "sessões curtas" e do modo como o problema da duração ficou eclipsado em seus alicerces conceituais. Nesta parte de nosso trabalho, que aponta para a necessidade de um desenvolvimento posterior, utilizamos nossa intuição e experiência, além de farto material bibliográfico que vai de jornais e periódicos até relatos, depoimentos e biografias. Sua provisoriedade é proposital, assim como o tom deliberadamente assumido de provocação.

Talvez possa ser criticado por espíritos não dogmáticos em função do escasso recurso às referências utilizadas ou aos problemas inerentes à disciplina sociológica, inteiramente estranha a nós, mas com certeza será duramente criticado pelos espíritos dogmáticos, contra os quais se posiciona claramente.

1 Freud e o Tempo (Lógico?)

O tempo é usualmente um conceito ou uma noção do discurso filosófico. Encontramos em Freud, à medida que ele constrói sua concepção do aparelho psíquico, uma série de problematizações sobre o conceito de tempo que ultrapassam o alcance de uma discussão puramente psicológica ou filosófica, pertencendo portanto ao domínio metapsicológico da psicanálise, que por sua vez tem estreitas relações com a filosofia.

Este capítulo trata da temporalidade em Freud. O motivo que nos levou a abordar este assunto é a hipótese de que existem elementos na obra de Freud que permitem a compreensão do conceito de tempo lógico de Lacan. Apesar de Freud nunca ter utilizado o termo "tempo lógico", encontramos em sua obra três questões relativas ao tempo que, de acordo com o que vamos expor neste capítulo, estão intimamente ligadas ao conceito lacaniano de tempo lógico: a intemporalidade do inconsciente e os conceitos de *Nachträglichkeit* (posterioridade ou só depois) e de *Durcharbeiten* (elaboração).

A intemporalidade do inconsciente é um problema que foi abordado por Freud em diversas passagens, atravessando praticamente toda a sua obra. Já com os conceitos de *Nachträglichkeit* (posterioridade ou só depois) e de *Durcharbeiten* (elaboração) não ocorre o mesmo: quanto ao primeiro sabemos que Lacan deu privilégio explícito em sua obra. O segundo, a despeito de sua importância para o progresso do tratamento psicanalítico, só foi abordado por Freud em seu artigo "Recordar, repetir e elaborar" (1914), não tendo sido retomado em nenhum outro momento, mas apenas mencionado de forma breve em "Inibição, sintoma e angústia" (1926[1925]). Acreditamos, novamente partindo de Lacan, que se pode sublinhar a importância

do conceito de elaboração (*Durcharbeiten*) estabelecendo uma relação de identidade entre ele e o "tempo para compreender", que vem a ser uma das instâncias temporais apresentadas em seu artigo "O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada" (Cf. o segundo capítulo desta dissertação).

Nos restringiremos à abordagem destes três conceitos, reconhecendo que eles não esgotam o que podemos chamar de "temporalidade em Freud", entretanto esta tarefa naturalmente não nos compete. Alguns autores se preocuparam em trabalhar a problemática do tempo em Freud. Jô Gondar, em seu livro "Os tempos de Freud", se propõe a examinar a problemática do tempo na psicanálise em sua relação com o sujeito. Através de uma leitura referida a diferentes áreas de conhecimento, destaca os pontos de aproximação e de ruptura da teoria freudiana com os demais saberes. Duas questões norteiam seu trabalho: - Existe em Freud um pensamento próprio a respeito do tempo? e - A teoria freudiana é capaz de trazer alguma contribuição de peso sobre o problema do tempo? Jô vai então trabalhar a questão do tempo no pensamento de Freud, abordando por exemplo a finitude, o papel da memória e a compulsão à repetição. Em sua leitura, identifica na teoria freudiana cinco diferentes concepções de tempo; a primeira relacionada ao sistema percepção-consciência, a segunda a de uma lógica temporal retrospectiva, a terceira a do tempo da pulsão, a quarta a do tempo mítico do recalque originário e a quinta, por fim, de uma memória extemporânea ao indivíduo, expressa através da herança filogenética.

Ruffiot e Corre (1981), em uma ampla resenha sobre o problema do tempo na obra de Sigmund Freud e na psicanálise, a partir da oposição estabelecida por Freud entre o tempo do sistema percepção-consciência e a intemporalidade do inconsciente, distinguem o que eles chamam de "duas vivências do tempo humano": o *tempus* e o *aevum*. Os autores fazem um apanhado em toda a obra de Freud das suas referências à temporalidade sob a ótica do *tempus* e do *aevum*, concebendo toda a dinâmica do tratamento psicanalítico como fundamentada sobre

o conflito é a dialética destes dois tempos. O primeiro seria o tempo da realidade social e biológica, o tempo-quantidade, o tempo da finitude. O segundo corresponderia à vivência do ilimitado, da eternidade, do narcisismo primário. Assim, por um lado o ser humano, enquanto psiquismo enraizado no biológico e sustentado pelo biológico e o social, não é capaz de sobreviver no puro *aevum*, já que morreria rapidamente por não ter suas alucinações confirmadas pela realidade. Por outro, ele não é capaz de suportar sem angústia e sem recalçamento o tempo que resta a viver até a morte. O *tempus*, em sua linearidade horizontal, "só encontra o seu saber porque se banha em certos momentos no *aevum*, na intemporalidade do inconsciente." O *aevum* é o "gênio da força vital", ele é a qualidade do tempo quantitativo. O que seria uma repetição morna, fisiológica, em uma vida descontínua, adquire com o *aevum* uma vida verdadeiramente psíquica (Cf. Ruffiot e Corre, 1981, pp. 67 e 87).

Compartilhamos deste dualismo fundamental destacado pelos autores, e trabalharemos a partir deste princípio de leitura.

Nosso intuito, portanto, é percorrer a obra de Freud, destacando as passagens mais importantes sobre o que podemos denominar "tripé" das referências freudianas ao tempo na psicanálise, servindo como subsídio para a formulação lacaniana do conceito de tempo lógico: a intemporalidade do inconsciente, a elaboração (*Durcharbeiten*) e a posterioridade ou só depois (*Nachträglichkeit*).

Por motivos de exposição, faremos um apanhado cronológico de cada um desses conceitos, ou seja, desde sua primeira aparição na obra freudiana, até suas últimas referências. No início da discussão sobre cada um desses conceitos comentaremos os problemas de tradução relacionados, justificando nossa aceitação ou alteração de sua respectiva tradução na Edição Standard Brasileira.

Consideramos importante observar o quanto certos problemas que encontramos

esmiuçados no final da obra freudiana, já se apresentavam de algum modo esboçados desde o início. O tempo, portanto, é um problema que ocupou Freud ao longo de sua obra. Mas por que seria o tempo uma preocupação recorrente? Devido ao caráter inacabado ou provisório de suas reflexões, Freud viu-se diante da necessidade de formulá-las em termos mais precisos.

1.1 A intemporalidade do inconsciente

Os processos do sistema inconsciente são *zeitlos*¹, diz Freud. Sabemos que o substantivo *Zeit* significa tempo e o sufixo *-los*, desprovido de... ou sem. Entretanto a acepção do adjetivo *zeitlos* não é de algo sem tempo, no sentido de desprovido ou privado de tempo. *Zeitlos* significa independente da moda, de qualquer tempo ou de todos os tempos. Ao dizer que o inconsciente é *zeitlos*, Freud está principalmente sublinhando a eternidade do inconsciente e o fato de que ele é imutável, não se transforma com a passagem do tempo; ele pode atravessar um grande espaço de tempo sem que sofra qualquer alteração. Esta é sua característica fundamental. Conforme analisaremos detalhadamente mais adiante, encontramos na obra de Freud três versões do caráter *zeitlos* do inconsciente, onde é sublinhado de maneira análoga o fato do passar do tempo absolutamente não interferir nos processos inconscientes.

Na Edição Standard Brasileira encontramos como tradução para *zeitlos* o termo "intemporal", que sem dúvida é a tradução mais adequada. Apesar de alguns autores terem usado o neologismo "atemporal", optamos pelo termo "intemporal", já que este traduz rigorosamente o caráter indestrutível, imutável, que Freud pretende acentuar com *zeitlos*, ou seja, a idéia de algo

1. As três principais passagens sobre o *zeitlos* na obra de Freud serão analisadas mais adiante neste capítulo. Encontram-se nos seguintes textos: "O inconsciente", "Além do princípio de prazer" e "Conferência XXXI".

que não é transitório, que é eterno, perene. Se enfatizamos neste momento a discussão sobre o significado de *zeitlos* é porque consideramos fundamental, retomando uma observação feita acima, ressaltar que o inconsciente não é "sem tempo". Antes de tudo precisamos analisar o que Freud chama de tempo quando diz, por exemplo, que o fator tempo não tem qualquer aplicação aos processos inconscientes (Cf, Freud, 1914c, p. 114 n.1). Como veremos, os processos do sistema inconsciente não têm qualquer referência ao tempo da consciência, ao tempo cronológico, definido pela sucessão, tempo que escoar, que passa. Pretendemos mostrar que isto é compatível com o conceito lacaniano de tempo lógico, que seria um outro modo de tempo, um tempo do inconsciente, assunto que será tratado no capítulo seguinte. Observamos ainda, que manteremos o termo "intemporalidade" em nossas discussões, alertando entretanto para o fato de Freud não ter utilizado o substantivo e sim apenas o adjetivo *zeitlos* (intemporal). Passaremos agora à discussão do *zeitlos* nos textos freudianos.

A intemporalidade do inconsciente é um tema abordado repetidas vezes por Freud durante toda a sua teorização. Segundo uma nota do editor inglês, a referência mais antiga talvez seja a passagem do "Rascunho M", enviado a Fliess em anexo à carta 63, datada de 25 de maio de 1897, onde encontramos a descrição do processo de formação das fantasias, no qual especialmente as relações cronológicas são postas de lado, já que estas são dependentes da atividade do sistema da consciência. Mais adiante, a eliminação do caráter tempo é descrita como essencial para a diferenciação entre a atividade no pré-consciente e no inconsciente (Cf. Freud, 1897, p. 342). Neste momento inicial o tempo já aparece nitidamente ligado à função da consciência.

Na "Interpretação dos sonhos" (1900) encontramos uma alusão indireta à questão da intemporalidade do inconsciente. Apesar de ainda não utilizar o termo "intemporal", Freud indica claramente o equívoco de se atribuir ao fator tempo a responsabilidade pelo esquecimento. Ou melhor; o tempo pode ser relacionado ao esquecimento enquanto nos referirmos ao trabalho do

pré-consciente. Quanto ao inconsciente, a indestrutibilidade, a impossibilidade de interrupção ou de esquecimento marcam o aspecto simultâneo de seu conteúdo, onde, para o fator tempo não há lugar.

"É perfeitamente verídico que os desejos inconscientes permanecem sempre ativos. Representam caminhos que sempre podem ser percorridos, em qualquer ocasião em que uma quantidade de excitação faça uso deles. (Cf. pág.589 *n.*) Na verdade, é um aspecto saliente dos processos inconscientes o fato de serem eles indestrutíveis. No inconsciente, nada pode ser interrompido, nada fica para trás ou é esquecido. (...) o esmaecimento de lembranças e a debilidade emocional de impressões que não são mais recentes, que estamos inclinados a encarar como evidentes por si próprias e explicar como um efeito primário do tempo sobre traços de memória mentais, são na realidade modificações secundárias que só são ocasionadas por um trabalho laborioso. É o pré-consciente que realiza esse trabalho e *a psicoterapia não pode seguir outro caminho senão colocar o Ics sob o domínio do Pcs.*" (Freud, 1900, pp.615-16)

Do ponto de vista do inconsciente a memória é indestrutível e eterna, o que significa que não existe a corrupção produzida pelo tempo, que é tão familiar à consciência. O esquecimento, portanto, é incompatível com as características dos processos inconscientes. Nesta passagem Freud já indica claramente o aspecto perene e imutável do inconsciente, que mais adiante será expresso pelo termo *zeitlos*. Nossa tendência em explicar o apagar das lembranças pela passagem do tempo, em última análise, esconde um outro problema, ou seja, o de que o esquecimento tem um motivo e que só ocorre em relação ao sistema pré-consciente. Segundo a teoria freudiana do recalque, este consiste no afastamento de algo do sistema consciente, isto só sendo possível

depois de bem delimitada a cisão entre a atividade consciente e a inconsciente. O recalque permite que o representante pulsional não só permaneça no inconsciente, como também se organize mais e produza derivados e ligações (Cf. Freud, 1915a, pp. 170-72). Já em relação ao sistema consciente, o recalque produz uma interferência tal, que o resultado é o "esquecimento". Esquecimento entre aspas, pois este recalque ao qual temos acesso é aquele que não é bem sucedido. Ele falha por não conseguir impedir o surgimento de desprazer ou de angústia. Numa nota de rodapé acrescentada em 1907 à "Psicopatologia da vida cotidiana" encontramos, ainda sobre esta questão, a seguinte passagem:

"(...), geralmente se pensa que é o tempo que torna lembranças incertas e indistintas. Muito provavelmente não se pode dizer que haja uma função direta do tempo no esquecimento. (...) No caso de traços de memória *reprimidos*, pode ser demonstrado que eles não sofrem alteração, mesmo no decorrer do mais longo período de tempo. O inconsciente é completamente intemporal. A mais importante bem como a mais estranha característica da fixação psíquica é que todas as impressões são preservadas, não só da mesma forma como foram recebidas pela primeira vez, mas também em todas as formas que adotaram nos desenvolvimentos posteriores. Isto é um procedimento que não se pode esclarecer através de uma comparação com outra esfera." (Freud, 1901, n1, pp.326-8)

Segundo uma nota de James Strachey, esta é a primeira menção explícita à intemporalidade do inconsciente. Observemos que o adjetivo "intemporal" aparece resumindo a frase anterior, onde o conteúdo recalçado é caracterizado como imutável, eterno, desvinculado do tempo que passa, que escoia. Este aspecto de eternidade, no entanto, se torna ainda mais evidente nas três formulações freudianas da intemporalidade do inconsciente; a primeira de 1915,

no artigo "O inconsciente", a segunda de 1920 em "Além do princípio de prazer" e a última de 1937 na "Conferência XXXI". No artigo metapsicológico "O inconsciente" nos é fornecida uma descrição detalhada sobre o funcionamento do sistema inconsciente. Neste trabalho, Freud apresenta sua justificativa para a existência do inconsciente, retoma o problema do recalque e da pulsão e seus representantes, estabelecendo uma delimitação clara entre os sistemas inconsciente e pré-consciente. Como pano de fundo, a possibilidade de se chegar a um conhecimento do inconsciente através do trabalho psicanalítico, que é capaz de promover, através da superação das resistências, a transformação de um conteúdo inconsciente em algo consciente. Dentre as características dos processos inconscientes, como vigência do processo primário, ausência de contradição e substituição da realidade externa pela realidade psíquica, encontramos a intemporalidade. É deste modo que encontramos a fórmula freudiana sobre a dita intemporalidade:

"Os processos do sistema *Ics.* são *intemporais*; isto é, não são ordenados temporalmente, não se alteram com a passagem do tempo; não têm qualquer relação com o tempo. A relação ao tempo é igualmente vinculada ao trabalho do sistema *Cs.*" (Freud, 1915c, p.214; 1915d, p.90)

Freud se esforça, portanto, em definir o que está chamando de *zeitlos*; primeiro afirma que os processos inconscientes não são ordenados temporalmente (*sie sind nicht zeitlich geordnet*), que é semelhante à afirmação de que são simultâneos, não havendo lugar para a sucessão. Se eles não se alteram com o passar do tempo (*sie werden durch die verlaufende Zeit nicht abgeändert*), isto significa que são eternos, perenes. Por fim, a ausência de relação com o tempo (*sie haben überhaupt keine Beziehung zur Zeit*) parece resumir as duas afirmações

anteriores, ficando evidente que o tempo do qual Freud fala é um tempo cronológico, o tempo que passa, o tempo da consciência, o que sugere um dualismo consciente versus inconsciente, temporal versus intemporal, que alguns anos mais tarde em "Além do princípio de prazer" é claramente explicitado quando, ao definir o inconsciente como *zeitlos*, Freud diz que utiliza categorias negativas que só podem ser esclarecidas através da comparação com os processos psíquicos conscientes:

"A frase kantiana, de que tempo e espaço são formas necessárias do nosso pensamento, pode hoje ser posta em discussão, devido a certas descobertas psicanalíticas. Aprendemos que os processos psíquicos inconscientes são, em si mesmos, "intemporais". Isto significa, antes de mais nada, que não são ordenados temporalmente, que o tempo em nada os altera e que a representação de tempo não lhes pode ser aplicada. Estas são categorias negativas que só podemos tornar claras através da comparação com os processos psíquicos conscientes. Nossa abstrata representação de tempo parece muito mais ser oriunda do método de funcionamento do sistema *Pcpt.-Cs.* e corresponder a uma própria percepção do mesmo." (Freud, 1920a, pp.43-4; 1920b, p. 139)

Nesta segunda formulação de Freud sobre a intemporalidade encontramos uma pequena alteração em relação à primeira. Não há nenhuma mudança em relação ao significado de *zeitlos*, mas a inclusão de um termo que não havia sido utilizado antes e que encontramos novamente na terceira formulação, em 1920. No artigo "O inconsciente", de 1915, Freud diz que a relação ao tempo é vinculada ao trabalho do sistema *Cs.*, enquanto em 1920 ele fala de nossa abstrata representação de tempo que parece originar-se do modo de funcionamento do sistema *Pcpt.-Cs.* Observamos que na Edição Standard Brasileira o termo "*Zeitvorstellung*" foi traduzido por "idéia

de tempo", que consideramos inadequado, visto que "*Vorstellung*" é um termo consagrado na filosofia, tendo sido utilizado por Kant e geralmente traduzido para o português por "representação". Não parece despropositada a utilização do termo "*Zeitvorstellung*" justamente nas duas passagens onde Freud sugere uma exceção para um teorema kantiano. Tudo indica que Freud formula a intemporalidade do inconsciente a partir de uma reflexão sobre a exposição kantiana do conceito de tempo, que se encontra na "estética transcendental", voltando-se depois contra a mesma.

Parece-nos que uma passagem da "Conferência XXXI" pode ser útil na complementação do quadro de definições freudiano do *zeitlos*. Referimo-nos à terceira formulação sobre a intemporalidade do inconsciente, onde o problema é retomado nos termos do conceito de id, pertencente à segunda tópica:

"No id não há nada que se possa comparar à negação, e é com surpresa que percebemos uma excessão ao teorema filosófico segundo o qual espaço e tempo são formas necessárias de nossos atos psíquicos. No id não existe nada que corresponda à representação de tempo, nenhum reconhecimento de um decurso temporal, e - o que é extremamente estranho e aguarda aprovação no pensamento filosófico - nenhuma alteração do processo psíquico pelo decorrer do tempo." (Freud, 1932a, pp.94-5; 1932b, pp.63-4)

Nesta passagem, assim como naquela de 1920, em "Além do princípio do prazer" Freud reforça o que já havia dito em 1915 em relação à intemporalidade, com a diferença de que agora ele já tem em mãos a teoria da segunda tópica, fato que entretanto não introduz modificações significativas. O que consideramos novo nestas duas formulações em relação à primeira é o

comentário a respeito de Kant. Conforme já assinalamos, a formulação freudiana a respeito da intemporalidade do inconsciente tem como ponto de partida a filosofia de Kant e curiosamente "aguarda aprovação no pensamento filosófico" (Freud, 1932a, p.95; 1932b,p.63). Achamos necessário, neste momento, fazer uma pequena digressão a fim de esclarecer em linhas gerais os principais aspectos da concepção kantiana do tempo.

1.1.1 *Kant e a Estética transcendental*

Kant, baseando-se na clássica distinção dos filósofos antigos entre objetos sensíveis e objetos inteligíveis, estabelece uma distinção entre sensibilidade (como faculdade das intuições) e entendimento (como faculdade dos conceitos). A intuição só é possível quando um objeto é dado, portanto, para o homem não existem intuições intelectuais, mas só intuições sensíveis. A sensibilidade é então a faculdade que possui nosso espírito de ser afetado por objetos, portanto, de receber impressões, o que Kant denominou receptividade. O efeito de um objeto sobre a capacidade de representação, à medida que somos afetados pelo mesmo, denomina-se sensação. O entendimento, por sua vez, pensa os objetos fornecidos pela sensibilidade. Ele é um poder não sensível de conhecer, uma faculdade de produzir representações. Portanto, o conhecimento do entendimento humano é um conhecimento por conceitos, o que Kant denominou espontaneidade. Mas como se dá o conhecimento? Segundo Georges Pascal,

"O ponto de partida do conhecimento é a *sensação*, isto é, a impressão produzida por um objeto na sensibilidade. A intuição que assim se relaciona a seu objeto por intermédio da sensação chama-se *intuição empírica*, e chama-se *fenômeno* o objeto dessa intuição empírica." (Pascal, 1977, p.49)

Em relação ao fenômeno, Kant estabelece uma distinção entre matéria e forma. A matéria do fenômeno é o que corresponde à sensação. Já a forma do fenômeno é o que faz com que o múltiplo do fenômeno possa ser ordenado em certas relações. A matéria só nos é dada a posteriori. A forma, ao contrário, encontra-se a priori no espírito. Nas palavras de Kant:

"Começaremos por isolar a sensibilidade, abstraindo de tudo quanto o entendimento aí pensa por seus conceitos, de sorte que não reste senão a intuição empírica. Em segundo lugar, afastaremos também dessa intuição tudo o que pertence à sensação, de modo que não reste senão a intuição pura e a simples forma dos fenômenos, que é a única coisa que a sensibilidade pode dar *a priori*. Verificar-se-á, nessa pesquisa, que existem duas formas puras da intuição sensível, como princípios do conhecimento *a priori*, a saber: o espaço e o tempo." (Kant, 1781, B.36 [#1 Estética transcendental])

Para Kant, portanto, o espaço e o tempo são as duas formas puras da sensibilidade e seu estudo será o objeto da "Estética transcendental", que é a primeira parte de sua "Crítica da razão pura". O espaço é definido como a forma pura do sentido externo. Isso significa que o espaço não pode ser um conceito derivado da experiência exterior, ou seja, ele não depende dos fenômenos; ao contrário, ele é *a priori*, ele é a condição de possibilidade dos fenômenos. O espaço é uno, isto é, se falamos de diferentes espaços, estes são simplesmente partes de um único espaço. Diferentes espaços são, portanto, simultâneos. O tempo, por sua vez, é a forma pura do sentido interno, a intuição de nós mesmos e do nosso estado interior. Assim como o espaço, também não é um conceito extraído de alguma experiência. É a experiência interna que supõe a representação do tempo. Em outros termos, o tempo é uma intuição *a priori*. Na definição de Kant,

"O tempo é a condição formal *a priori* de todos os fenômenos em geral. O espaço, como forma pura de toda intuição externa, limita-se, como condição *a priori*, apenas aos fenômenos externos. Ao contrário, como todas as representações, quer tenham por objeto coisas exteriores ou não, pertencem sempre em si mesmas, enquanto determinação do espírito, a um estado interior, e como esse estado interior está sujeito à condição formal da intuição interna, pertencendo assim ao tempo, o tempo é uma condição *a priori* de todos os fenômenos em geral: condição imediata dos fenômenos internos (de nossa alma) e, por isso mesmo, condição mediata dos fenômenos externos." (Kant, 1781, B.50 [#6 Estética transcendental])

Enquanto o espaço se limita como condição *a priori* apenas aos fenômenos externos, o tempo é condição *a priori* de todos os fenômenos. Há, portanto, uma primazia do tempo, já que apesar dos objetos nos aparecerem no espaço, só tomamos consciência deles no tempo. É a sucessão que permite a consciência desses objetos. Em outras palavras, para Kant o espaço é a forma da simultaneidade e o tempo é a forma da sucessão. Observemos que para Kant há uma relação estreita entre sucessão e simultaneidade, sendo ambas mutuamente exclusivas. Observemos também que a forma pura do sentido interno, isto é, o tempo, encontra-se como fundamento da consciência do ponto de vista de uma filosofia do conhecimento. Há uma articulação estreita entre sucessão temporal e consciência que Kant define para a reflexão filosófica subsequente. Mas, o que diz Freud a esse respeito?

1.1.2 *Freud com e contra Kant*

O tema das semelhanças e divergências entre Kant e Freud, embora instigante, não será desenvolvido aqui, já que se afastaria demais de nosso fio condutor, que é o tempo lógico. Não

obstante, julgamos necessário fazer algumas observações sobre a relação entre as formulações de Freud sobre o inconsciente e a Estética transcendental kantiana. Numa época marcada pela filosofia de Kant, Freud se vê às voltas com um problema em relação ao qual ele não pode deixar de se posicionar. Prevendo críticas à sua formulação da intemporalidade do inconsciente, declara que:

"A frase kantiana que afirma que espaço e tempo são formas necessárias de nosso pensamento pode hoje, devido a certas descobertas psicanalíticas, ser posta em discussão." (Freud, 1920 a, p.43; 1920 b, pp.138-9)

Como vimos, *zeitlos* significa principalmente ausência de sucessão, que pode ser tido como equivalente de simultaneidade. O caráter intemporal do inconsciente justifica-se pela ausência de mudanças no decorrer do tempo, por sua indestrutibilidade, imutabilidade, eternidade. E isto é o mesmo que dizer que não há sucessão. Se o tempo não produz modificações, os conteúdos "mais antigos" e aqueles "mais recentes" se apresentam como simultâneos. Ora, em termos kantianos a simultaneidade relaciona-se com o espaço e exclui o tempo. É como se Freud, ao caracterizar o inconsciente de intemporal, revelasse seu caráter espacial, excluindo dele qualquer relação com o tempo. Poderíamos dizer que Sigmund Freud, tirando o inconsciente do domínio da definição kantiana de tempo, acaba por lhe reservar a coerência daquela de espaço? Esta hipótese não será aprofundada aqui, mas é apenas apresentada para justificar a necessidade de se avançar na investigação sobre o tempo na psicanálise, tal como Lacan parece ter tentado realizar. No lugar de uma organização temporal, teríamos então algo como uma distribuição espacial, talvez no sentido de uma escrita psíquica. Admitindo a tese kantiana de que nada podemos saber sobre as coisas em si, Freud procura dar ao inconsciente um

outro estatuto, que não o de coisa em si:

"Assim como Kant nos advertiu para não desprezarmos o fato de que as nossas percepções estão subjetivamente condicionadas, não devendo ser consideradas como idênticas ao que, embora incognoscível, é percebido, assim também a psicanálise nos adverte para não estabelecermos uma equivalência entre as percepções adquiridas por meio da consciência e os processos mentais inconscientes que constituem seu objeto. Assim como o físico, o psíquico, na realidade, não é necessariamente o que nos parece ser. Teremos satisfação em saber, contudo, que a correção da percepção interna não oferecerá dificuldades tão grandes como a correção da percepção externa - que os objetos internos são menos incognoscíveis do que o mundo externo." (Freud, 1915c, p.197)

Enquanto para Kant a coisa em si é incognoscível, para Freud o inconsciente é menos incognoscível, ou seja, com esta afirmação Freud parece indicar que em determinadas condições o inconsciente pode ser conhecido, e esta é a tarefa da psicanálise.

1.2 *Nachträglichkeit*

O substantivo *Nachträglichkeit* não existe na língua alemã, o que nos permite concluir o intuito de Freud em criar um conceito ao substantivar o adjetivo *nachträglich*. Vejamos os significados implicados no conceito de *Nachträglichkeit*:

1. O substantivo *Nachtrag* significa complemento.
2. O adjetivo *nachträglich* significa posterior, ulterior.

3. É interessante observar que *nach* significa depois e *tragen* levar, sendo que o verbo *nachtragen* tem tanto o sentido de levar atrás de, como também o sentido figurativo de acrescentar ou até de guardar rancor em relação a alguém por algum motivo.

O importante de toda essa discussão é, na verdade, a concepção de um tempo implícita no conceito de *Nachträglichkeit*, tempo este que se introduz entre dois momentos: algo é levado de um "antes" para um "depois".

Observamos que na Edição Standard Brasileira encontramos traduções diversas para o termo *nachträglich*: ação retardada, ação preterida ou mesmo o adjetivo posterior. Em nosso trabalho manteremos duas traduções para *Nachträglichkeit*: posterioridade e só depois. Esta última foi a forma encontrada por M.D.Magno, em sua tradução do "Seminário XI" de Lacan, para o termo francês *après-coup*.

Há uma importante análise sobre o conceito de *Nachträglichkeit* e sua história, apresentada por John Forrester em seu livro "Seduções da psicanálise: Freud, Lacan e Derrida". Seguiremos aqui os principais pontos abordados por este autor.

Segundo Forrester o conceito de *Nachträglichkeit* foi em grande parte ignorado, enfraquecido ou mal interpretado pelos tradutores. Foi Lacan quem ressaltou este conceito:

" (...) seu retorno a Freud atingiu seu ápice neste ponto, na redescoberta de um conceito freudiano, um conceito que é o eixo de toda a reflexão de Freud sobre o tempo da neurose, o tempo da infância, o tempo da causalidade nos assuntos humanos; (...) refiro-me à *Nachträglichkeit*." (Forrester, 1990, p.168).

Esta passagem confirma a importância da *Nachträglichkeit* em toda a obra freudiana, sublinhando a apropriação lacaniana de um conceito presente, mas pouco destacado na obra de

Freud. Lacan comenta em três diferentes passagens o fato do termo *nachträglich* ter passado despercebido até que ele próprio o encontrou. Em dois textos dos "Escritos", "A significação do falo", de 1958, e "Posição do inconsciente", de 1960, afirma ter sido o primeiro a extrair o conceito de *nachträglich* do texto de Freud, referindo-se a ele como "uma estrutura temporal de uma ordem mais elevada". (Lacan, 1966, p.839). No Seminário 11 ele diz:

"Quando lhes disse, no começo de nossos encontros - *Eu não procuro, acho*, isto quer dizer que, no campo de Freud, basta a gente se abaixar para colher o que há para achar. O *nachträglich*, por exemplo, foi negligenciado em sua real importância, embora estivesse aí e bastasse colhê-lo." (Lacan, 1964, p.205)

Lacan é, portanto, o responsável pela valorização do termo *nachträglich*, por tê-lo destacado enquanto conceito psicanalítico, indo de encontro a um pensamento desinvolvementista da psicanálise. Ao invés de supostas etapas de desenvolvimento, teríamos a partir do conceito de *nachträglich* reorganizações retrospectivas de determinadas posições já tomadas. Em outras palavras, como mostra Forrester em seu comentário sobre o significado que Lacan dá ao conceito de *Nachträglichkeit*:

"A psicanálise ... trabalha *em sentido retrógrado*, em direção a estados primários cuja realidade e importância só lhes é conferida retrospectivamente." (Forrester, 1990, p.182)

O passado assume a partir do conceito de *nachträglich* um aspecto fluido. Já não se trata somente de, através da psicanálise, esquecer o passado, mas também de poder manobrá-lo, de manipulá-lo (Cf. Forrester, 1990, p.184). E é o destaque conferido por Lacan ao *nachträglich* que

valoriza a compreensão deste tipo de relação com o passado. É surpreendente, contudo, que apesar de ter sido o responsável pela valorização do conceito de *nachträglich*, Lacan dedicou poucos comentários a esse respeito. A idéia, entretanto, de posterioridade e retroação encontra-se presente em passagens onde o termo *nachträglich* não é citado. No artigo sobre o tempo lógico Lacan fala em "certeza antecipada" e "momento de concluir", que parecem relacionar-se com o conceito de *Nachträglichkeit*.²

Ao buscar as origens do conceito de *Nachträglichkeit*, encontramos já em Charcot não o termo, mas a idéia de *Nachträglichkeit*, de um retardamento nos efeitos de um dado acontecimento traumático. Charcot dedicou-se ao estudo das neuroses traumáticas, que se tornaram muito comuns a partir de meados do século XIX, em consequência do elevado índice de acidentes de trabalho neste período de ascensão da indústria e construção de ferrovias, especialmente na Inglaterra. Os quadros clínicos decorrentes destes acidentes eram descritos com termos como "medula ferroviária" ou "cérebro ferroviário". O exame de vários destes pacientes levou Charcot à constatação de que não havia uma relação direta entre as lesões sofridas em tais acidentes e os sintomas traumáticos. Além disso, os sintomas curiosamente não eram concomitantes ao surgimento das lesões. Um espaço de tempo era introduzido entre o acidente e seus efeitos traumáticos. Um ferroviário, por exemplo, que havia sido jogado de um vagonete após a colisão com um trem, desenvolveu sintomas de fadiga, vertigem e languidez ao retornar após alguns dias ao seu trabalho. Para descrever este retardamento da aparição dos sintomas Charcot utilizava frases como "passado esse tempo", "quase imediatamente" ou "com um pequeno atraso", sugerindo um efeito *nachträglich*. Os sintomas surgiam, portanto, algum tempo depois e relacionavam-se não às lesões, mas ao caráter excessivo do acontecimento. Resumindo,

2. Este assunto será abordado no próximo capítulo.

um acidente tem como conseqüências, por um lado lesões corporais e por outro, depois de transcorrido algum tempo, sintomas que não apresentam qualquer relação direta com as lesões e sim com a própria experiência do acidente.

Charcot foi quem definiu a noção de trauma associada à ausência de efeitos visíveis no organismo, entretanto, "só quando Freud desenvolveu a teoria psicanalítica que ele passou a considerar a ausência como razão de *eficácia* do trauma." (Forrester, 1990, p. 172). O conceito de trauma começou a partir de então a sofrer uma série de modificações. Freud passou a enfatizar, ao invés do acontecimento externo, o modo pelo qual o sujeito representava o acontecimento. Na década de 1890 também a lembrança, e não só o acontecimento, passou a ser a possível causadora de sintomas neuróticos, e a rememoração e não-rememoração passaram a ser consideradas causas patológicas.

Nos "Estudos sobre a histeria" Freud transpõe a idéia do retardamento da produção de sintomas nas neuroses traumáticas para a histeria, observando que a produção das manifestações histéricas não ocorria logo após o trauma, e sim depois de um intervalo de incubação, descrito por Charcot como "período de elaboração" [*élaboration*] psíquica (Cf. Freud, 1983-85, p. 183).³

A idéia básica da concepção freudiana da "Nachträglichkeit" (posterioridade ou só depois) tem como modelo o acontecimento traumático. Algo que, no momento em que é vivido, por não poder integrar-se num contexto significativo, permanece como uma marca que só depois, devido a uma maturação orgânica ou pelo aparecimento de novas situações, adquire uma significação.

Já no "Projeto para uma psicologia científica" (1895), mais precisamente, na discussão a respeito da primeira mentira histérica (proton pseudos)⁴, Freud discute o problema da

3. Esta elaboração charcotiana, contudo, não parece ter qualquer relação com a elaboração (*Durcharbeiten*) freudiana, que abordaremos mais adiante.

4. Proton pseudos significa "primeira coisa falsa". Este termo foi utilizado por Aristóteles para designar a premissa falsa que torna necessariamente falsa a conclusão de um silogismo. (Cf. Garcia-Roza, 1991, p.187).

"Nachträglichkeit" (posterioridade ou só depois). Ao investigar o motivo pelo qual sua paciente Emma via-se impedida de entrar desacompanhada em uma loja, pôde verificar que aos oito anos ela fôra comprar doces em uma confeitaria, sofrendo uma violência sexual por parte do proprietário, que lhe agarrou as partes genitais por cima da roupa. Após este incidente ainda voltou à mesma loja, fato que Freud relaciona com sua "torturante má consciência". Esta lembrança, entretanto, permaneceu esquecida, e apenas outra cena, de quando Emma tinha doze anos, era lembrada: ao entrar numa loja, viu dois vendedores rindo, fato que levou-a a sair imediatamente correndo. Recordou também, que sentira atração sexual por um dos vendedores e que eles riam de suas roupas. Em sua análise, Freud conclui que o riso dos vendedores, no episódio quando Emma tinha doze anos, evocou inconscientemente a cena de quatro anos antes com o proprietário da confeitaria, e junto com ela uma liberação sexual, que na época ela não poderia sentir. Só agora tornava-se possível interpretar de outro modo aquela lembrança, e por isso então ela é recalçada.

Como observa Serge André, "não é o trauma em si que causa o sintoma histérico, mas a lembrança pela qual ele é designado" (André, 1987, p.76), que é um outro modo de expressar a frase freudiana "*As histéricas sofrem principalmente de reminiscências*". (Breuer e Freud, 1893, p.48). O que denominamos "cena traumática" na realidade só adquire um sentido propriamente traumático quando transformada em lembrança e evocada por uma cena análoga. É, por conseguinte, uma recorrência de uma representação que faz com que venha à tona uma excitação sexual, sob forma de angústia, que não aparecera antes. (Cf. André, 1987, p.78). A primeira cena torna-se deste modo traumática "*nachträglich*" (só depois, posteriormente).

A explicação encontrada por Freud naquela época era a de que as mudanças trazidas pela puberdade seriam o motivo para o recalque só ocorrer no momento em que a cena (com o dono da confeitaria) foi evocada pela outra cena da loja, quatro anos mais tarde (Cf. Freud, 1895,

p.468). Em outros termos, devido a um retardamento da puberdade em relação ao resto do desenvolvimento do indivíduo, o episódio de Emma aos oito anos de idade não recebeu um significado sexual. Isto só ocorreu aos doze anos, quando o episódio foi lembrado através de uma cena que apresentava um elemento de ligação: o sorriso dos vendedores fez com que ela recordasse o sorriso do dono da confeitaria, recalcando então toda a cena ao atribuir-lhe um significado sexual.

Segundo Strachey, esta explicação perdeu seu valor um ou dois anos mais tarde através da descoberta da sexualidade infantil e o reconhecimento da persistência dos impulsos instintuais inconscientes, mas a idéia da *Nachträglichkeit* do trauma permaneceu válida (Cf. nota do editor em Freud, 1895, p.468). Já Laplanche e Pontalis discordam dessa objeção, argumentando que o mesmo processo da *Nachträglichkeit* é evocado repetidas vezes por Freud no caso do "Homem dos lobos" (Cf. Laplanche e Pontalis, 1967, p.444). Mas segundo a explicação de Strachey, antes da descoberta da sexualidade infantil as cenas primárias não eram imaginadas acontecendo numa idade tão prematura e seus efeitos eram preteridos até a época da puberdade. Na verdade ambas as posições são justificáveis, já que de fato a descoberta da sexualidade infantil provocou mudanças na teorização de Freud, entretanto a idéia de um rearranjo e de resignificações provocadas pelo advento da puberdade não foi absolutamente abandonada por Freud.

Já mencionamos que Lacan foi o responsável por chamar a atenção para a importância do *nachträglich* na obra de Freud. E a passagem mais importante onde ele afirma que podemos encontrar sublinhada a noção de *Nachträglichkeit* situa-se numa nota de pé de página, justamente no "Homem dos lobos". Citamos um trecho desta nota:

" (...) o paciente sob análise com mais de vinte e cinco anos de idade, estava colocando as impressões e impulsos dos seus quatro anos em palavras que não poderia jamais

encontrar naquela época. Se deixamos de perceber isso, pode facilmente parecer cômico e inacreditável que uma criança de quatro anos fosse capaz de tais juízos técnicos e noções aprendidas. É simplesmente mais um exemplo de *ação preterida* (*Nachträglichkeit*). Com um ano e meio, o menino recebe uma impressão à qual é incapaz de reagir adequadamente, só consegue compreendê-la e ser afetado por ela quando a impressão é revivida por ele aos quatro anos; e somente vinte anos mais tarde, durante a análise, está apto a compreender com processos mentais conscientes, o que então acontecia com ele. O paciente desconsidera, justificadamente, os três períodos de tempo e coloca seu ego presente na situação que se passara havia muito. E nisso o seguimos, uma vez que, com auto-observação e interpretação correta, o efeito deve ser o mesmo, como se a distância entre o segundo e o terceiro períodos de tempo pudesse ser negligenciada. Além do mais, não temos outro meio de descrever os eventos do segundo período." (Freud, 1918 [1914], p. 63).

Lacan interpreta a noção freudiana da *Nachträglichkeit* como o regime de "reestruturação do acontecimento" (da cena primitiva) ou ainda como "aquilo que legitima a elisão na análise dos intervalos de tempo onde o acontecimento permanece latente no sujeito" (Lacan, 1966, p.256). Na verdade o caráter indestrutível e intemporal do inconsciente é condição para a *Nachträglichkeit*. Já levantamos a hipótese de que a intemporalidade do inconsciente equivale ao tempo lógico. Em continuidade com este raciocínio também nos parece clara a relação entre o conceito de *nachträglich* e o tempo lógico, já que elidir intervalos de tempo é desprezar uma cronologia em função de outro modo de tempo; um tempo não cronológico, um tempo lógico. Quanto ao sofisma de Lacan também consideramos pertinente estabelecer um paralelo entre o mecanismo da *Nachträglichkeit* e a questão da pontuação na análise ou do corte da sessão, assim

como também entre a relação da certeza antecipada com o momento de concluir, assunto que será retomado no próximo capítulo.

1.3 Durcharbeiten

O verbo intransitivo *durcharbeiten* significa trabalhar um determinado tempo sem interrupção. Já enquanto verbo transitivo, que é como ele é utilizado por Freud, *durcharbeiten* significa se ocupar com alguma coisa do início ao fim. Laplanche e Pontalis sugerem como tradução para o verbo substantivado *Durcharbeiten* o neologismo "perelaboração", mas talvez este termo não transmita com tanta clareza a idéia de uma tarefa que deve ser cumprida, levada do início ao fim. Os autores argumentam que o termo elaboração corresponde aos termos *bearbeiten* e *verarbeiten*, também encontrados nos textos freudianos. Em nosso trabalho não utilizaremos estes dois termos, que a nosso ver também poderiam ser traduzidos por "trabalhar" e "assimilar ou digerir", respectivamente. Optamos pela manutenção do termo "elaboração", chamando entretanto a atenção para o aspecto já mencionado de tarefa executada "de fio a pavio". Este aspecto principal da elaboração, que é o de se ocupar com o trabalho até que seja concluído, aparentemente passou despercebido ou então não foi privilegiado por certos leitores e/ou comentaristas dos textos freudianos. James Strachey, por exemplo, dedica uma nota de pé de página para afirmar que determinada alteração efetuada por Freud não faz qualquer sentido, quando na verdade o equívoco parece ser do próprio Strachey. Transcrevemos a nota:

["... sich in den ihm nun bekannten Widerstand zu vertiefen". Assim, na primeira edição apenas. Em todas as edições alemãs posteriores, "nun bekannten" foi alterado para

"*unbekannt*". Isto, contudo, não parece fazer tão bom sentido: "conhecer melhor a resistência que lhe é desconhecida".]

Ora, o que parece estar em jogo na modificação que Freud fez, de *mun bekannten* (agora conhecida) para *unbekannt* (desconhecida) é que de fato o paciente ainda não conhece a resistência; talvez seja capaz de somente aceitá-la intelectualmente. Entretanto, ela ainda lhe é desconhecida, pois só neste momento que se inicia o trabalho da elaboração. E para isso, Freud nos diz, o paciente precisa de tempo. Ademais, a tradução correta para a frase citada por Strachey não é: "Deve-se dar ao paciente tempo para conhecer melhor a resistência que lhe é desconhecida...", mas: "Deve-se dar tempo ao paciente para que se enfronte na resistência por ele desconhecida..." (*Man muss dem Kranken die Zeit lassen, sich in den ihm unbekannt* *Widerstand zu vertiefen,...*).⁵ O fato da resistência receber um nome, como explica Freud, não significa que ela cesse imediatamente. Nomear a resistência é apenas dar início ao trabalho da elaboração, e neste momento inicial a resistência ainda é, para o paciente, desconhecida. Ele precisa se enfrontar nela, se ocupar com o trabalho de sua elaboração, levando-o até o fim, custe o tempo que custar. Esta é a idéia central de Freud. Passemos às considerações sobre as origens deste conceito na obra freudiana.

O conceito de elaboração vincula-se ao que Freud chamou de "tendência à fixação" ou então "adesividade da libido". Em 1905, nos "Três ensaios", Freud diz que os neuróticos ou perversos são aqueles que, supostamente, tiveram maior suscetibilidade em fixar as primeiras impressões da vida sexual. Em 1915 comenta que o termo junguiano "inércia psíquica" (1915e, pp.306-7), descrito como uma oposição à modificação e ao progresso, sendo uma pré-condição

5. O verbo *vertiefen* significa aprofundar; já a forma reflexiva *sich vertiefen* significa abismar-se, enfrontar-se.

da neurose, seria equivalente ao que ele já havia chamado de fixação. Em 1918, no "Homem dos lobos" Freud critica Jung por ter imputado à inércia psíquica a condição de principal causa de todos os fracassos neuróticos. Sua argumentação é de que a mobilidade ou morosidade dos investimentos libidinais são características particulares também vinculadas a pessoas normais e não exclusivamente aos neuróticos. Freud descreve a fixação da pulsão como um retardamento de uma tendência parcial numa fase de desenvolvimento libidinal anterior. O conceito de fixação encontra-se intimamente ligado ao de regressão, que por sua vez se refere ao retorno a algum ponto de fixação.

Muito mais tarde, em "Análise terminável e interminável", Freud menciona os casos aos quais poderíamos atribuir uma "adesividade da libido", devido à enorme dificuldade em deslocar investimentos libidinais de um objeto para outro. A seguir, se apropria do termo junguiano, afirmando que é verdade que na análise estamos preparados para encontrar uma certa quantidade de inércia psíquica (Cf. Freud, 1937a, p.275.). Também no "Esboço de psicanálise" Freud volta a mencionar a inércia psíquica como um dos fatores que lutam contra o progresso da análise (Cf. Freud, 1940 [1938], p.209). De um modo geral, esta inércia psíquica, entendida como adesividade da libido e tendência à fixação, relaciona-se diretamente à compulsão à repetição e concorre para dificultar ou para impedir que mudanças se processem. É, portanto, um fator que dificulta a elaboração (*Durcharbeiten*), chegando em certos casos até a inviabilizá-la. Vejamos então o que Freud diz a respeito da elaboração.

Desde os "Estudos sobre a histeria" (Freud, 1895) encontramos os termos "durcharbeiten" e "Durcharbeitung", acompanhados da idéia de que no tratamento psicanalítico o paciente realiza um certo trabalho. Entretanto, estes termos só receberam uma significação específica em 1914, no artigo "Recordar, repetir e elaborar" (Cf. Laplanche e Pontalis, 1967, p.430).

É interessante observar que Freud não voltou a trabalhar neste conceito posteriormente;

a única passagem que explica o que é a elaboração encontra-se no final de "Recordar, repetir e elaborar". Entretanto este fato não diminui a sua importância, já que para Freud a elaboração das resistências é a parte do trabalho que exerce no paciente a maior ação modificadora, diferenciando com isto o tratamento analítico de qualquer influência por sugestão (Cf. Freud, 1914a, p.202-3). Trata-se, portanto, de um processo fundamental, sem o qual uma análise não progrediria. Mas, em que consiste esta elaboração, como ela se dá, e ainda, o que a viabiliza?

Como já dissemos antes, depois de "Recordar, repetir e elaborar" Freud jamais voltou a abordar o assunto da elaboração. Entretanto, menciona em "Inibição, sintoma e angústia" a necessidade de elaboração em relação a um certo tipo de resistência:

"Não pode haver nenhuma dúvida ou erro sobre a existência dessa resistência por parte do ego. Mas temos de perguntar a nós mesmos se ela abrange todo o estado de coisas na análise, pois verificamos que mesmo após o ego haver resolvido abandonar suas resistências ele ainda tem dificuldade em desfazer os recalques; e denominamos o período de ardoroso esforço que se segue, depois de sua louvável decisão, de "elaboração"."
(Freud, 1926 [1925], pp.183-4)

O problema com o qual Freud se confrontou foi o da compulsão à repetição, o que tornou necessária uma correção em sua teorização sobre as resistências. Passou então a admitir cinco tipos de resistências, que emanariam de três diferentes direções: do ego, do id e do superego. As três resistências do ego seriam a resistência do recalque, a resistência da transferência e o ganho secundário com a doença. A resistência do superego estaria relacionada ao sentimento de culpa e necessidade de punição e, por fim, a resistência do id seria aquela que necessitaria de elaboração.

O conceito de elaboração, portanto, refere-se ao trabalho de dominação das resistências do inconsciente (ou do id), que é iniciado quando o analista descobre a resistência que jamais é reconhecida pelo paciente, e a comunica ao mesmo. Freud deixa claro, que a comunicação da resistência feita ao paciente é apenas o início do trabalho. Muitos consideraram este início como a totalidade do trabalho e, conseqüentemente, sentiram-se fracassados, pois, ao invés de uma melhora, o que observaram em seus pacientes foi um fortalecimento da resistência. Mas o que eles desconheciam era o fato de que a comunicação da resistência não implica em sua cessação imediata. Nas palavras de Freud:

"Deve -se dar tempo ao paciente para que se enfronte na resistência por ele desconhecida, a elabore, a supere, na medida em que, apesar dela, continue o trabalho segundo a regra fundamental da análise. Só quando a resistência encontra-se em seu ponto mais alto, podemos através de um trabalho conjunto com o paciente, descobrir as moções pulsionais recalcadas que alimentam a resistência; é esta experiência que convence o paciente de sua existência e seu poder. Em relação a isso, o médico nada tem a fazer, a não ser esperar e permitir que as coisas sigam seu curso, que não pode ser evitado, e também nem sempre pode ser apressado. Se ele se apegar a esta convicção, poderá com freqüência poupar-se da ilusão de ter fracassado, quando na verdade conduz o tratamento segundo as linhas corretas." (Freud, 1914a, p.202; 1914b, p.)

Em outros termos, a interpretação do psicanalista engendra uma elaboração, que permite ao paciente se libertar de seus mecanismos repetitivos. Para o paciente, trata-se de uma tarefa árdua; para o analista, uma prova de paciência: é preciso de tempo. Ao comentar esta passagem de Freud, Lacan diz:

"É preciso esperar. É preciso esperar o tempo necessário para que o sujeito realize a dimensão de que se trata no plano do símbolo, quer dizer, depreenda da coisa vivida na análise - dessa busca, dessa briga, desse enlaçamento que realiza a análise das resistências - a duração própria de certos automatismos de repetição, o que lhes dá de algum modo valor simbólico." (Lacan, 1953-54, p.326)

O que viabiliza a elaboração é o tempo. A paciência do psicanalista se traduz, portanto, no tempo que ele concede ao seu analisando, para que ele vença sua resistência, para que ele ultrapasse o momento da recusa ou da aceitação puramente intelectual, para adquirir uma convicção que tem como fundamento a vivência das pulsões recalçadas que alimentam a resistência.⁶ Ora, podemos então perguntar: é possível prever quanto tempo leva este processo de elaboração? Lembremos do comentário de Freud sobre os médicos que se sentiram fracassados. Sem dúvida a conclusão do fracasso deveu-se à ausência de mudanças em seus pacientes em um determinado espaço de tempo. Quanto tempo levou para que eles se tornassem impacientes? E quanto tempo deve durar a paciência do analista para que ele permita que seu analisando ultrapasse o período de estagnação e elabore as resistências?

Quanto tempo? Não sabemos. Não podemos saber, já que a duração de determinados processos⁷ só pode ser estabelecida retroativamente, jamais *a priori*. No final do Seminário I, ao comentar e criticar a concepção de Balint de final de análise, Lacan afirma que:

6. Esta paciência que é exigida do analista na relação transferencial nos remete a alguns elementos presentes no artigo de Lacan sobre o tempo lógico, como o binômio demora versus pressa, que serão analisados no capítulo que se segue.

7. Aqui nos referimos não só ao trabalho da elaboração das resistências, como também ao trabalho do luto, que também envolve a idéia de uma duração que não pode ser pré-estabelecida.

"Nem tudo é falso nessa concepção, porque há um fator tempo numa análise. (...) Todo analista não pode senão apreendê-lo na sua experiência - há um certo desdobramento do tempo-para-compreender. Os que assistiram às minhas conferências sobre o *Homem dos Lobos* verão aí alguma referência. Mas esse tempo-para-compreender, vocês o reencontram nos *Escritos Técnicos* de Freud a propósito do *Durcharbeiten*." (Lacan, 1953-54, p.325)

Ora, mas esse tempo-para-compreender é justamente uma das três instâncias temporais (instante do olhar, tempo-para-compreender e momento de concluir) apresentadas por Lacan no artigo sobre o tempo lógico, o que confirma a relação estreita entre o conceito freudiano de *Durcharbeiten* e o tempo lógico de Lacan.

Neste capítulo procuramos explicitar os três conceitos freudianos correlatos à temporalidade, indicando sua relação com a concepção lacaniana do tempo lógico. A intemporalidade do inconsciente parece equivaler ao tempo lógico. Já o mecanismo da *Nachträglichkeit* pode ser relacionado à questão da pontuação numa análise e do corte da sessão e com o fato do sentido ser conferido retroativamente. Por fim, o *Durcharbeiten* equivale ao tempo-para-compreender que, como vimos é uma instância temporal do tempo lógico.

Passamos agora à discussão do sofisma de Lacan e demais questões relativas ao tempo lógico.

2 Lacan e o Tempo Lógico

O público leigo em geral, assim como neófitos ou psicanalistas pouco familiarizados com o ensino de Jacques Lacan, tem dificuldade em situar o termo e o conceito de tempo lógico na obra de Lacan. Deste modo fica-se à mercê de mal-entendidos ou simplificações que dão a falsa impressão de que se trataria de um método ou de uma técnica propostos ou defendidos por ele, ou ainda, de que sua obra consistiria especialmente na exegese deste "novo método".

O termo "tempo lógico" foi empregado por Lacan pela primeira vez em seu artigo de 1945 intitulado "O Tempo Lógico e a Asserção de Certeza Antecipada". O questionamento de Lacan acerca do tempo, entretanto, já aparecia por volta de 1936 em sua crítica ao texto "Le Temps Vécu", de E.Minkowski. Publicada na revista *Recherches Philosophiques* com o título "Psicologia e Estética", esta crítica já continha, como nos indica Erik Porge (1989), um dos aspectos nodais do tempo lógico: a relação do tempo e do espaço. Além disso, alguns termos como "momento, certeza e ambivalência suspensiva da ação" anunciavam o que viria a ser trabalhado no artigo de 1945.

É interessante observar que o artigo sobre tempo lógico não foi publicado numa revista psicanalítica e sim num número especial de uma revista de arte e cultura (*Cahiers d'Art*), cuja publicação havia sido interrompida durante os anos da guerra. Chegada a Liberação, Christian Zervos, que criara a revista em 1926, resolveu fazer uma edição especial cobrindo retroativamente o período dos anos negros, celebrando deste modo a vitória da liberdade sobre a opressão. Por intermédio de André Masson, Zervos conheceu Lacan e lhe pediu um texto. Foi assim que "O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada" veio a ser publicado. Com uma

tiragem de apenas mil exemplares, rapidamente tornou-se raro, como o próprio Lacan o qualifica em sua introdução dos "Escritos", em 1966. É, portanto, só depois de 21 anos que o texto reaparece, e desta vez acessível a todos. Reaparece, mas com várias modificações decorrentes da teorização lacaniana durante este tempo. Assim, por exemplo, vemos inseridos na nova versão conceitos como *significante* e *estrutura*, que anteriormente ainda não pertenciam ao vocabulário de Lacan. Em outras palavras, a versão rara e desconhecida de 1945 antecipava questões trabalhadas nos anos subseqüentes.

Porém, esta reapropriação do texto inaugural e de seus problemas não se limita à edição dos *Escritos*. Podemos verificar que, no intervalo entre as duas publicações, "O Tempo Lógico" foi citado em oito seminários e três artigos. Do mesmo modo, após a publicação de 1966 encontramos também referências explícitas a ele em outros seis seminários além de conferências e textos, sendo a última no seminário de 1978, *La Topologie et le Temps* (A Topologia e o Tempo), trinta e três anos depois da primeira publicação. Isso mostra como este tema se manteve sempre atual durante todo o percurso de Lacan.

A princípio o artigo de Lacan sobre o tempo lógico não é um texto propriamente psicanalítico, já que não aborda explicitamente nenhuma questão teórica ou prática da psicanálise. Trata-se simplesmente da exposição de um problema lógico-matemático sob a forma de um sofisma e da discussão de sua solução lógica, sem qualquer menção à experiência da análise nem ao tempo de duração da sessão. O enunciado do sofisma diz o seguinte: o diretor de uma prisão chama três detentos e lhes propõe uma prova, prometendo a liberdade àquele que primeiro puder resolvê-la. Dispõe-se de cinco discos, sendo dois pretos e três brancos. Cada detento receberá um disco afixado às suas costas. Poderá ver os discos dos outros dois mas não o seu próprio, ficando proibidos tanto a comunicação entre si quanto o acesso indireto, por exemplo, por intermédio de um espelho. Quem concluir qual a cor do seu disco deverá dirigir-se

à sala ao lado para que seja julgado sobre sua resposta, pois somente será considerada válida uma conclusão fundada sobre motivos de lógica e não somente de probabilidade. Definidas as regras, cada detento recebe um disco branco, sobrando portanto os dois discos pretos. Como resolver o problema? Elisabeth Roudinesco nos lembra o modo como Lacan foi introduzido a esta questão que lhe interessaria durante toda a vida:

"Lacan teve a revelação deste sofisma em uma noite de fevereiro de 1935 na casa de Sylvain Blondin. Foi lá que encontrou pela primeira vez André Weiss, que lhe contou a história sem fornecer a solução. Não chegando a resolver o enigma da partida simultânea dos três prisioneiros, Lacan não conseguiu dormir. Às três horas da manhã, telefonou a Weiss que lhe deu a resposta tão desejada. Weiss ficou entretanto furioso por ter sido acordado no meio da noite." (Roudinesco, 1993, p.238)

Devemos notar, sobretudo, que os freqüentes comentários presentes em todo o desenvolvimento da obra de Lacan, isto é, as constantes alusões a este artigo dentro de um contexto psicanalítico constituem indubitavelmente um forte motivo para se repensar seu estatuto em relação à psicanálise; tanto à teoria quanto à sua incidência prática. Ao mesmo tempo, entre tantas referências ao artigo em questão, são raras as que indicam claramente uma relação entre elementos do sofisma e a experiência da análise. Na verdade, Lacan sempre se manteve longe da preocupação em fornecer quaisquer explicações minuciosas sobre esta questão. Seu estilo hermético e freqüentemente enigmático, no entanto, admite que articulações sejam viáveis e nos levam a levantar a hipótese de que o sofisma lacaniano poderia representar uma metáfora da sessão psicanalítica, ou talvez também, do próprio tratamento como um todo. Vamos expor o sofisma de Lacan mantendo esta hipótese no horizonte.

Já comentamos que a primeira versão do "Tempo lógico..." data de 1945 e que a versão presente nos "Escritos" apresenta uma série de modificações em relação ao texto original. Erik Porge (1989), em seu livro "Psicanálise e tempo - o tempo lógico de Lacan" apresenta e compara detalhadamente as duas versões, sublinhando todas as modificações efetuadas e situando-as historicamente no percurso dos ensinamentos de Lacan. Trata-se de um trabalho arqueológico, de enorme importância para se conhecer a trajetória de Lacan neste ponto específico. Dentre as mudanças, Porge confere ênfase especial aos conceitos de significante e sujeito, pertencentes à teorização psicanalítica mais madura e consagrada de Lacan. Assim, por exemplo, encontramos na versão de 1966 no lugar de: "... função dos fenômenos aqui em litígio" a frase: "A entrada em jogo como significantes de fenômenos aqui em litígio". Igualmente, o termo "personagem" é substituído por "sujeito real". Outro tipo de modificação concerne à polêmica contra Sartre e à influência fenomenológica husserliana, bastante explícita na primeira versão. Segundo Elisabeth Roudinesco, já na época da primeira publicação, Lacan posicionava-se radicalmente contrário à concepção sartreana da liberdade. Curiosamente, a situação descrita no sofisma assemelhava-se àquela da peça "Huis Clos", estreada em maio de 1944, mas escrita por Jean-Paul Sartre anteriormente. Notemos que no artigo em questão Lacan não trata diretamente do problema da liberdade, que embora forneça motivação para o sofisma, não é analisado formalmente. A liberdade é apenas acenada como recompensa, no momento em que o diretor da prisão expõe as regras aos três prisioneiros. Entretanto, depois de concluído o sofisma, permanece um enigma, já que a liberdade havia sido prometida a apenas um dos prisioneiros, aquele que concluísse primeiro. O que efetivamente ocorre, é que percebemos a exigência lógica do sofisma, de que os três concluam simultaneamente, como postulado de uma relação mais profunda entre liberdade e tempo. Segundo a observação de Roudinesco:

Percebe-se aqui o que Lacan opunha à tese sartreana. Não somente o homem não é livre (...), mas ele é condenado, por tornar-se livre, a se integrar à coletividade dos homens através de um raciocínio lógico. (...) somente a virtude lógica conduz o homem à verdade, ou seja à aceitação do outro segundo uma dialética do reconhecimento e do desconhecimento. Lacan se situava portanto, contra Sartre, dentro da descendência husserliana, em favor de uma filosofia do conceito à qual tentava integrar uma filosofia não-subjetiva do sujeito, ou, como ele dizia, uma "indeterminação existencial do 'eu'".⁸ E, de um só golpe, ele fazia toda a liberdade humana depender de uma temporalidade: aquela reservada a cada sujeito de saber submeter-se à uma decisão lógica em função de um *tempo para compreender*. (Roudinesco, 1993, p.239-240)

Optamos pela análise do artigo sobre o tempo lógico em sua última versão, a de 1966, já que é esta a versão que foi escolhida para ser publicada nos "Escritos" de Lacan, ficando deste modo acessível a todos. Além disso, parece-nos constituir o parâmetro principal para estudar a operacionalidade do termo e do conceito na obra de Lacan. Este capítulo consiste em uma discussão deste texto, no intuito de fornecer subsídios à compreensão do conceito de tempo lógico em suas articulações com a teoria e a prática psicanalítica, tendo como objetivo secundário desfazer mal-entendidos e evitar distorções ou apropriações tendenciosas deste conceito.

8. Lacan, "O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada", loc.cit., p.42. Nos *Écrits*, "indeterminação existencial" foi substituída por "determinação essencial", o que apaga a referência de 1945 a Sartre, ao existencialismo e à fenomenologia.

2.1 O sofisma de Lacan

Apresentaremos a solução do problema em três etapas, de acordo com a discussão do sofisma empreendida por Lacan. É preciso lembrar que a exposição dos problemas lógicos do sofisma em sua incidência temporal envolve a chamada solução ideal do mesmo (1ª etapa) assim como a discussão de sua insuficiência. As etapas pressupõem modulações do tempo que consistem em subdivisões do que Lacan denominou "movimento do sofisma".

Primeira etapa:

Esta etapa se inicia quando as regras do "jogo" são comunicadas e termina no momento em que os três prisioneiros partem ao mesmo tempo. Vejamos o que acontece:

Estando os três em pé de igualdade, ou seja, cada um vendo dois brancos sem saber qual a sua cor, depois de algum tempo eles chegam à seguinte solução: *se eu (A) fosse preto, cada um dos dois brancos (B e C) que estou vendo pensariam: se eu fosse preto, estando diante de um branco e um preto, o branco já teria se dirigido à sala ao lado, certo de ser branco. Como ele não se moveu, concluo que sou branco. Ambos então se dirigiriam à sala ao lado. Mas, como B e C não fizeram nada, é porque eu (A) também sou branco.* É assim que os três, ocupando a mesma posição real de (A), chegam à mesma conclusão e partem simultaneamente para comunicá-la ao diretor da prisão.

Antes de prosseguirmos com nossa explicação, apresentaremos o que Lacan chama das três instâncias do tempo ou modulações do tempo no movimento do sofisma: instante do olhar, tempo para compreender e momento de concluir.

1) Instante do olhar: é a situação de se estar diante de dois pretos: uma instância temporal "cava um intervalo", como diz Lacan, entre estar-se diante de dois pretos e saber-se branco. (A)

se imagina preto e ao colocar-se no lugar de (B), diz: *Se eu for preto, (C) tem condições de saber que é branco, pois estará diante de dois pretos*. Lacan vai mostrar que a princípio poderíamos utilizar a seguinte fórmula: -dois pretos: um branco- e dela deduzir seu valor instantâneo. Entretanto, ele chama a atenção para o processo de subjetivação que, ainda que impessoal, aí se esboça sob a forma do "sabe-se que" (diante de dois pretos, sabe-se que se é branco). Este intervalo de tempo do instante do olhar seria, portanto, igual ao tempo hipotético que (C) levaria para, estando diante de dois pretos, concluir que é branco.

Cabe aqui observar que, a princípio, a possibilidade -dois pretos: um branco- estaria excluída do problema, já que todos os três prisioneiros estão diante de dois brancos e por isso só poderia haver no máximo um preto no "jogo". Acontece que para que cada um, ocupando o lugar de (A), possa chegar a uma conclusão, é necessário que se coloque no lugar de (B) e de (C). Sendo assim, esta possibilidade, mesmo que virtual, tem de ser levada em conta.

2) Tempo para compreender: *se eu fosse preto, os dois brancos não demorariam para descobrir que são brancos*. Um tempo de meditação permite que os dois brancos, estando cada um diante de um branco e um preto, concluam da inércia do branco o fato de não poderem ser pretos. Trata-se de uma intuição, através da qual o sujeito objetiva algo a mais do que os dados de fato. (A) se imagina preto e ao colocar-se no lugar de (B), diz: *só posso ser branco, pois caso fosse preto, (C) não teria permanecido parado, pois estaria certo de ser branco. Se (C) duvida é porque sou branco*. (B), portanto, tem através da inércia do seu semelhante a chave de seu problema. Mas neste momento Lacan aponta para um outro problema:

"Mas, este tempo assim objetivado em seu sentido, como medir seu limite? O tempo para compreender pode se reduzir ao instante do olhar, mas esse olhar em seu instante pode incluir todo o tempo necessário para compreender. Assim, a objetividade deste tempo

vacila com seu limite." (Lacan, 1966, p.205).

Lacan está justamente apontando para o caráter subjetivo deste tipo de conclusão, que se baseia na inércia do semelhante. Em outros termos, quanto tempo deve transcorrer para que (B) possa concluir que (C) está demorando? Citando novamente Lacan:

"...e assim a ação é suspensa por uma causalidade mútua a um tempo que desaparece, se desmorona sob (*se dérobe sous*) o próprio retorno da intuição que ele objetivou." (Lacan, 1966, p.206).

Esta frase nos parece fundamental, pois nela Lacan introduz a noção de um tempo que, ao se desmoronar ou desaparecer, já não se apresenta mais submetido a uma medida; é um tempo subjetivo que escapa entre os dedos de uma medida objetiva. Chegamos então à última fase do movimento lógico.

3) Momento de concluir: a instância do tempo para compreender aparece para o sujeito sob o modo subjetivo de um tempo de atraso em relação aos outros dois. Surge a partir disto então a urgência do momento de concluir. O sujeito se precipita na sua conclusão, para que não seja ultrapassado pelos outros. *Se eu fosse preto, eles poderiam concluir antes de mim que são brancos. Mas se eles estão demorando é porque sou branco. Preciso rapidamente manifestar a minha conclusão, pois minha demora pode levá-los também a uma conclusão.* Na verdade, se (B) ou (C) se movimentarem, (A) não poderá mais saber se é preto ou branco. Segundo Lacan,

"É sob a urgência do movimento lógico que o sujeito precipita ao mesmo tempo seu julgamento e sua partida (...) dando a modulação onde a tensão do tempo se reverte na

tendência ao ato que manifesta aos outros que o sujeito concluiu." (Lacan, 1966, p.206).

A urgência e o medo de ser ultrapassado pelos outros faz com que o sujeito se lance para a frente, mostrando com isso que chegou a uma conclusão. Mas, o que vemos acontecer? Os três sujeitos partem simultaneamente, já que todos ocupam a mesma posição real de (A) e portanto chegaram juntos à mesma conclusão.

Segunda etapa:

Esta etapa se inicia no momento em que os três param (primeira moção suspensa) e termina quando eles chegam a uma nova conclusão e partem juntos pela segunda vez.

Notemos que nosso personagem hipotético (A), que necessitava da inércia de (B) e (C) para sustentar sua solução, no momento em que vê que eles também concluíram, se equivoca e pára. A certeza de (A) se transforma em dúvida. Não sabe mais se eles partiram porque ele é branco ou preto. Lembremos mais uma vez que (A) não é um dos três e sim a posição que todos os três ocupam, assim como (B e C) são os outros dois a partir do ponto de vista de (A). É assim que todos os três enquanto (A) param ao mesmo tempo. Esta parada é chamada por Lacan de primeira moção suspensa (ou escansão suspensiva). É interessante notar que moção significa movimento: um movimento é interrompido, suspenso por algum tempo. No texto de Lacan o movimento em questão pode ser tomado como virtual ou como atual, pois se trata de uma exigência lógica do raciocínio, mas também resume-se em um movimento que é adiado ou em um ínfimo gesto esboçado.

Em seguida, cada um dos três, novamente enquanto (A), refaz seu raciocínio. Mas desta vez uma diferença se introduz: depois de todos terem partido e parado ao mesmo tempo, descartou-se a possibilidade de haverem dois pretos no "jogo", pois se um deles estivesse vendo

dois pretos não teria motivo algum para duvidar de sua conclusão. Na realidade, a possibilidade de haverem dois pretos já estava descartada desde o início, mas somente para (A), já que todos enquanto (A) estavam diante de dois brancos. Entretanto, o caminho que (A) percorre até sua conclusão passa necessariamente pela suposição do que (B) e (C) estariam pensando. E para (B) e (C), na suposição de (A), a possibilidade -dois pretos: um branco- tinha que ser levada em conta. Ou seja, a única possibilidade lógica que permitiria uma asserção conclusiva imediata é exatamente a que está excluída do "jogo" por antecipação, mas é enquanto possibilidade virtual, excluída do problema mas imputável ao raciocínio dos jogadores, que ela se faz absolutamente presente no raciocínio de (A).

Mas agora, com a primeira moção suspensa, esta possibilidade é eliminada. (A) sabe que (B) e (C) também sabem que não pode haver mais a possibilidade de dois pretos: um branco. Agora, se (A) for preto, (B e C), que já sabem que só pode haver no máximo um preto no jogo, concluirão que são brancos. Mas eles não se movem. Mais uma vez então, a partir da inércia de (B e C), (A) conclui que é branco. É assim que, pela segunda vez os três partem ao mesmo tempo.

Terceira etapa:

Esta etapa se inicia no momento em que os três param pela segunda vez e termina com a terceira, desta vez definitiva, conclusão.

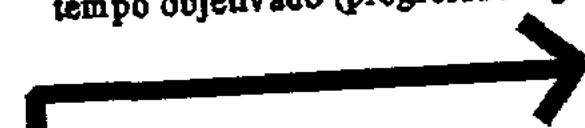
(A) se equivoca novamente ao ver (B) e (C) partindo junto com ele: *Afinal, (B e C) também partiram porque sou preto ou porque sou branco?* Temos então a segunda moção suspensa, e com ela mais um progresso é obtido: a parada de (B e C) permite que (A) conclua que é branco. *Se eu fosse preto, pensa (A), eles não teriam duvidado, pois se a possibilidade de haverem dois pretos já estava descartada, eles teriam elementos suficientes para estarem certos de serem brancos. Mas se eles pararam pela segunda vez é porque sou branco.* E com esta


certeza, pela terceira vez os três partem simultaneamente, com a diferença que esta última conclusão não mais poderá ser colocada em dúvida: a segunda moção suspensa descarta definitivamente a possibilidade de haver algum preto no "jogo".

2.2 Discussão do sofisma

Para facilitar a discussão, apresentamos um quadro onde situamos o processo lógico em dois eixos: o vertical, como o eixo do tempo subjetivo da primeira etapa e o horizontal, como o eixo da objetivação do tempo, que se inicia a partir da certeza subjetiva (antecipada), passa pela segunda etapa, terminando com a certeza dessubjetivada do final da terceira etapa. (Ver quadro na página 48b).

A princípio, o problema estaria solucionado no final da primeira etapa, já que o sujeito chegou a uma certeza sobre si (certeza subjetiva), fundamentada num raciocínio lógico e não em uma probabilidade, exatamente como havia sido estipulado nas regras do "jogo". Para Lacan, esta seria a solução perfeita (o que em nosso esquema denominamos primeira etapa). Mas, ao mesmo tempo ele chama a atenção para o fato de que "todo o sofisma se apresenta de início como um erro lógico" (Lacan, 1966, p.199). E é justamente aqui que se situa o erro lógico. A solução é apenas aparentemente perfeita, já que a saída simultânea dos três faz com que eles duvidem de sua conclusão. Ora, se eles haviam chegado a uma certeza, como é que podem voltar a duvidar? Então é porque não estavam tão certos como pareciam. Na verdade, a certeza subjetiva de (A) provinha da inércia de (B) e (C). Com a partida deles, instaura-se uma dúvida, introduzindo uma dimensão de antecipação à certeza de (A), que se manifestara enquanto ato. Em outras palavras, o tempo que (A) levou para concluir seu raciocínio lógico é o mesmo tempo, do ponto de vista

tempo objetivado (progressão lógica) 

tempo subjetivo 

	1ª Etapa	2ª Etapa	3ª Etapa
	☺☺☺ <i>instante do olhar</i> sujeito impessoal	primeira moção suspensa	_____
	☺☺☺ <i>tempo para compreender</i> sujeito recíproco	☺☺☺ <i>tempo para compreender</i>	segunda moção suspensa
	☺☺☺ <i>momento de concluir</i> sujeito da asserção	☺☺☺ <i>momento de concluir</i>	☺☺☺ <i>momento de concluir</i>
	☺☺☺ ☺☺☺ ☺☺☺	☺☺☺ ☺☺☺ ☺☺☺ objetivação do instante do olhar	☺☺☺ ☺☺☺ ☺☺☺ objetivação do tempo para compreender
	<i>certeza subjetiva (antecipada)</i>	<i>certeza subjetiva</i>	<i>certeza dessubjetivada</i> objetivação do momento de concluir

da sucessão, que ele atribui ao raciocínio lógico dos outros dois, sendo experimentado então como demora devido à inércia de ambos. Mas, justamente no momento em que esta inércia é rompida, o que era demora transforma-se em pressa: o sujeito se equivoca. O mesmo tempo que (A) experimentou como a demora de (B) e (C) de repente é experimentado como pressa. (B) e (C) também têm pressa em mostrar que concluíram. Mas, em que bases eles concluíram, (A) não tem condições de saber. O caminho que (A) percorre até a sua conclusão começa por admitir os outros como semelhantes, isto é, imputa a eles o mesmo raciocínio que o seu, e não só isso, o mesmo tempo de raciocínio. Essa reciprocidade, entretanto, é rompida no momento em que (A) resolve se adiantar em relação a (B) e a (C). Nas palavras de Lacan:

"O "eu", sujeito da asserção conclusiva, se isola através de um *batimento de tempo* lógico para com o outro, ou seja para com a relação de reciprocidade" (Lacan, 1966, p.208).

A pressa em demonstrar que concluiu faz com que ele se lance para a frente, sem imaginar que os outros também poderiam proceder do mesmo modo - o que de fato acontece.

Erik Porge comenta que Lacan, não contente em resolver o sofisma, dá um passo a mais, que seria o passo do sujeito. Assim, as três instâncias temporais presentes nesta primeira etapa correspondem a três diferentes modos de subjetivação dos personagens. Isso não significa que cada modo de subjetivação pertence a um personagem, (A), (B) ou (C), mas ao contrário, às relações que eles mantêm entre si. Assim, ao instante do olhar corresponde um sujeito impessoal: diante de dois pretos, sabe-se que se é branco. Ao tempo para compreender corresponde um sujeito indefinido recíproco: (A) supõe que (B) e (C), enquanto brancos, vêem um preto. Por fim, ao momento de concluir corresponde o sujeito da asserção conclusiva, que por intermédio da pressa conclui algo sobre si próprio. Fica assim postulada uma correspondência entre as

modulações do tempo e os modos de subjetivação (vide quadro acima).

Lacan vai mostrar que neste percurso que conduz à certeza antecipada, a sequência dos três tempos, cada qual com seu modo de subjetivação, desempenha um papel fundamental, como demonstra a seguinte passagem:

"Isolam-se no sofisma três *momentos da evidência*, onde os valores lógicos se revelarão diferentes e de ordem crescente. Expor a sucessão cronológica desses três momentos ainda é espacializá-los segundo um formalismo que tende a reduzir o discurso a um alinhamento de signos. Mostrar que a instância do tempo se apresenta sob um *modo* diferente em cada um desses momentos é preservar sua hierarquia, revelando neste ponto uma descontinuidade tonal, essencial para seu valor. Mas captar na *modulação* do tempo a própria função por onde cada um desses momentos, na passagem ao seguinte, aí se reintegra, somente subsistindo o último que os absorve; é restituir sua sucessão real e compreender verdadeiramente sua gênese no movimento lógico." (Lacan, 1966, p.204).

Nesta passagem, Lacan privilegia explicitamente um modo de tempo não cronológico, ou seja, uma temporalidade que não é constituída pela sucessão dos instantes. Existe, entretanto, uma ordem lógica, uma sequência das três instâncias temporais, e é esta sucessão real que viabiliza a emergência do sujeito. Do instante do olhar, passando pelo tempo para compreender e chegando ao momento de concluir, temos o trajeto de um sujeito impessoal, passando por um sujeito indefinido recíproco e chegando ao sujeito da asserção conclusiva.

Como já dissemos, Lacan afirma que todo sofisma se apresenta de início como um erro lógico. O que podemos verificar no sofisma de Lacan é que o erro lógico não só faz parte do sofisma, mas é justamente ele que viabiliza a solução. Se a certeza subjetiva, como vimos, é

antecipada, precipitada, já que (A) na realidade não tem meios para sustentá-la, ela é ao mesmo tempo a chave de todo o processo, pois engendra o movimento inicial que leva à primeira moção suspensa, que por sua vez dá início a uma progressão lógica.

Retomemos então a discussão do sofisma a partir da primeira moção suspensa (em nosso esquema, no início da segunda etapa). Como vimos, a primeira moção suspensa tem como consequência a objetivação do tempo do instante do olhar. Nesta segunda etapa, portanto, só existem duas instâncias temporais: o tempo para compreender e o momento de concluir. A dúvida que provocou a primeira moção suspensa leva o sujeito a uma retomada de seu raciocínio. A hipótese de que (A) seja preto leva a um novo tempo para compreender. Baseando-se novamente na inércia de (B) e (C), (A) conclui que é branco. Uma nova saída é seguida da segunda parada. Inicia-se a terceira etapa com a segunda moção suspensa, que desta vez objetiva o tempo para compreender. Esta última etapa constitui-se de apenas uma instância temporal: o momento de concluir. Assim, o tempo para compreender reduz-se ao momento de concluir, que por sua vez se confunde com o instante do olhar. Em outros termos, a passagem do momento de concluir da segunda etapa para o momento de concluir da terceira etapa implica num tempo de parada (segunda moção suspensa), que não dura mais que o instante do olhar, já que a situação de (A) diante de duas hesitações é idêntica à de (A) diante de dois pretos. Em ambas (A) não necessita se colocar no lugar de (B) para tirar sua conclusão. Esta conclusão final é chamada por Lacan de "certeza dessubjetivada", já que podemos reduzir a solução do problema à seguinte fórmula: "*Deve-se saber que se é um branco, quando os outros hesitaram duas vezes.*" (Lacan, 1966, p.211).

É preciso reconhecer que o texto de Lacan dá um tratamento mais fenomenológico que matemático a um problema lógico. Ao utilizar-se da problemática da especularização intersubjetiva para sustentar uma reflexão sobre a temporalidade, ele privilegia a progressão

lógica em detrimento de uma sucessão cronológica. Retornando à questão do erro lógico do sofisma, agora compreendemos a afirmação de Lacan de que:

"O sofisma conserva todo o rigor de um processo lógico, na condição de que integremos a ele o valor das duas escansões suspensivas". (Lacan, 1966, p.201).

Erik Porge faz o seguinte comentário a esse respeito:

"No sofisma de Lacan, o erro consiste em concluir com base na "solução perfeita". Mas a objeção não conduz a um novo raciocínio, nem refuta a solução perfeita (que parte, ela mesma, de uma hipótese falsa). Ao contrário, são as objeções à solução perfeita que, repetidas duas vezes, em duas escansões, fazem-na existir como solução". (Porge, 1989b, p.37).

Este erro, portanto, é necessário, pois somente através dele chega-se à solução definitiva. Ele engendra um movimento que só se interromperá com o resultado final. Neste processo, as moções suspensas desempenham um papel decisivo. Lacan comenta que, enquanto as formas da lógica clássica têm uma estrutura espacial, não apresentando nada que não possa ser visto de um só golpe, no nosso sofisma, ao contrário, o que prevalece é uma estrutura temporal: as moções suspensas são significantes por seu tempo de parada. Seu valor, podemos defini-lo pela escansão, pelo corte que produzem: a cada escansão obtém-se um progresso lógico através da objetivação de um tempo de possibilidade. A seguir, se cada um pode retomar a certeza subjetiva do momento de concluir, também poderá colocá-la mais uma vez em dúvida: é a segunda moção suspensa. Temos desta vez a objetivação do tempo para compreender: se (A) fosse preto, de forma alguma

os outros duvidariam pela segunda vez. Objetiva-se, enfim, o tempo do momento de concluir, confirmando-se *nachträglich* (posteriormente, só depois) a certeza que se apresentara antecipadamente.

"O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada" é o primeiro texto de Lacan que trata da questão da relação de sujeito a sujeito e de sujeito a si, estabelecendo uma articulação temporal entre a pluralidade dos sujeitos e a unicidade de um sujeito. É, ao mesmo tempo, o único texto que traz uma solução lógica a essa questão, sob a forma ficcional de um sofisma. (Cf. Porge, 1993, p.11). Mas o problema da relação de sujeito a sujeito evidentemente se estende para além dos limites deste texto, já que sofre uma série de remanejamentos ao longo do percurso de Lacan. E é acompanhando toda essa trajetória teórica que o "Tempo lógico" é citado, comentado e reinterpretado. Chamado carinhosamente por Lacan de "meu pequeno sofisma pessoal"⁹, desde 1945, data de sua primeira versão, até 1978, data do último seminário, ele serve de referência às mais diversas formulações de Lacan.

Erik Porge, em seu livro "Psicanálise e tempo- o tempo lógico de Lacan" divide a trajetória teórica de Lacan em relação às suas formulações sobre o sujeito, em quatro períodos, analisando os mesmos em relação às referências feitas ao sofisma do tempo lógico. Deste modo, o primeiro período, denominado "um sujeito recíproco", analisa a publicação de 1945, discute o sofisma e sua solução e o problema do indivíduo em relação ao social. Por fim, apresenta os efeitos e as reformulações que o "Tempo lógico..." viabilizou num outro texto de Lacan, o "Estádio do espelho", cuja primeira versão data de 1936. As modificações efetuadas neste trabalho em sua versão de 1949, onde por exemplo aparecem termos como "precipitar-se" e "antecipação", indicam claramente a influência do "Tempo lógico...".

9. Cf. Lacan, Seminário de 1961-62, aula de 10.01.62; Citado por Erik Porge, 1993, p.12.

O segundo período, "o sujeito das escansões significantes", abarca os anos de 1945 a 1966. Aqui são trabalhadas questões como a noção de intersubjetividade e de simbólico e a distinção entre fala e linguagem, assim como a releitura do tempo lógico com o suporte da noção topológica da garrafa de Klein. Por fim são discutidas as mudanças que resultaram na versão de 1966, publicada nos "Escritos".

O terceiro período, denominado "a relação incomensurável dos sujeitos" engloba os anos de 1966 a 1973. A ênfase agora é dada à teorização de Lacan em torno do objeto α . São analisadas as fórmulas da sexuação, a questão da divisão anarmônica e os paradoxos de Zenão.

O quarto e último período, "a relação não complementar entre os sujeitos" analisa a produção teórica de Lacan a partir de 1973. Ainda é abordada a questão do objeto α , agora em relação ao momento de concluir, que é inclusive o nome escolhido por Lacan para o seminário de 1977. O nó borromeano também é analisado em relação ao tempo lógico. Finalmente é abordada a questão da coletividade do tempo lógico em oposição à multidão freudiana.

2.3 O sofisma e suas relações com o tratamento psicanalítico

Ao consultarmos as retomadas do sofisma efetuadas por Lacan até seu último seminário, percebemos que é no período de intervalo entre as duas versões do "Tempo lógico..." (de 1945 a 1966, segundo período, de acordo com a periodização proposta por Eric Porge), onde podemos encontrar elementos para discutir a nossa hipótese de que o sofisma serve de instrumental para reflexão sobre o tratamento psicanalítico. Em nossa pesquisa identificamos em apenas um autor a transposição da situação do sofisma do tempo lógico para a sessão psicanalítica. Trata-se de Elisabeth Roudinesco. Comentando o "Relatório de Roma" ("Função e campo da fala e da

linguagem em psicanálise", Lacan, 1966) ela sublinha a retomada efetuada por Lacan do tempo para compreender e do momento de concluir no intuito de definir a noção de sessão "pontuada" ou sessão com duração variável e propõe a seguinte reformulação para o sofisma:

" (...) no tratamento, o analista ocupa a posição de um diretor de penitenciária. Promete ao analisando uma "liberdade", convidando-o a resolver o enigma de sua condição. Este fala a um interlocutor que deve descobrir o que seu discurso não diz, já que, por essência, o inconsciente falta à disposição do sujeito." (Roudinesco, 1988, pp.277-8).

Aqui o analista é identificado com o diretor da prisão. Mas num momento seguinte ele passa a ocupar a posição de um prisioneiro:

"Aí intervém a função da pressa. Para que o analisando seja conduzido para o terreno de uma "decisão verdadeira", sem tomar como referencial uma duração fixa antecipada, que lhe serviria de escapatória, o analista deve precedê-lo, ao menos em ato. Desse modo, age como um prisioneiro qualquer que permitisse a outro prisioneiro deduzir sua decisão a partir do que ele supõe ser a de seu vizinho. Lacan assim teoriza o princípio da sessão de duração variável e responde a seus acusadores (...) (Roudinesco, 1988, p.278).

Como podemos observar, ao transpor o sofisma para a situação da análise, Roudinesco privilegia o papel ou posição ocupada pelo analista na relação com o paciente. Pretendemos ressaltar ainda a semelhança entre a progressão do sofisma e a sessão psicanalítica. Reconhecemos que nossa hipótese é muito geral e necessita ser melhor explicitada. Se pretendemos estabelecer uma ponte entre o sofisma de Lacan e a experiência da análise, será

preciso fazê-lo através da discussão dos seguintes termos ou elementos do sofisma:

- 1 As três instâncias temporais (instante do olhar, tempo para compreender e momento de concluir);
- 2 A questão da demora e da pressa em relação à certeza e à dúvida;
- 3 As moções suspensas ou escansões suspensivas.

2.3.1 *O instante do olhar, o tempo para compreender e o momento de concluir*

As modulações temporais que Lacan isola no movimento lógico do sofisma têm grande importância no texto que analisamos. Estas três instâncias temporais comparecem em várias retomadas do "Tempo lógico..." ao longo da obra de Lacan. É entretanto em "Função e campo..." (Lacan, 1966, pp.237-322) onde ele as utiliza num sentido estritamente clínico. Comentando o caso do "Homem dos lobos", ele afirma:

"Freud declara considerar como legítimo elidir na análise dos processos os intervalos de tempo onde o evento permanece latente no sujeito. Isto é, ele anula os *tempos para compreender* em proveito dos *momentos de concluir* que precipitam a meditação do sujeito em direção ao sentido a decidir do evento original." (Lacan, 1966, pp.256-7).

Ora, nesta passagem, Lacan está justamente comentando um trecho de uma nota de rodapé do "Homem dos lobos" onde Freud, a propósito do mecanismo da *Nachträglichkeit* (posterioridade ou só depois) afirma o seguinte:

"O paciente desconsidera, justificadamente, os três períodos de tempo e coloca seu ego presente na situação que se passara havia muito. E nisso o seguimos, uma vez que, com

auto-observação e interpretação correta, o efeito deve ser o mesmo, como se a distância entre o segundo e o terceiro períodos de tempo pudesse ser negligenciada. Além do mais, não temos outro meio de descrever os eventos do segundo período." (Freud, 1918 [1914], p. 63).

Nesta passagem, não nos parece que Lacan esteja fazendo uma crítica a Freud, como sugere Erik Porge (Porge, 1993, p.58)¹⁰. Pelo contrário, tudo indica que Lacan procura adequar a estrutura do tempo lógico ao que Freud está descrevendo como estrutura da *Nachträglichkeit* (posterioridade ou só depois). Podemos observar que, o que Freud chama de "três períodos de tempo" Lacan transpõe para os três tempos do tempo lógico. Neste sentido, "anular o tempo para compreender" não é nada mais que desconsiderar a sequência sucessiva dos eventos em função de uma relação puramente lógica entre os mesmos. Lacan sublinha inclusive o privilégio circunstancial do momento de concluir sobre o tempo para compreender, que tem o valor de precipitar o sujeito na direção de uma decisão. Mas isto não significa que se deva desprezar a importância do tempo para compreender, que para Lacan (1953-54, p.325) é análogo ao conceito freudiano de elaboração (*Durcharbeiten*). Talvez esta conexão entre o tempo para compreender e a elaboração, estabelecida por Lacan, venha preencher uma lacuna conceitual na obra de Freud no sentido de constituir uma problematização temporalizada daquilo que foi simplesmente indicado como elaboração das resistências. Lembremo-nos, como já foi dito, que esta noção aparece sem ter sido suficientemente desenvolvida por Freud.

No sofisma a elaboração é o tempo de fazer e refazer os passos de raciocínio dos outros

10. Ao dizer que Freud anulou o tempo para compreender em função do momento de concluir, Lacan está se referindo à *Nachträglichkeit* (posterioridade ou só depois) e não à fixação de um prazo para o término da análise do "Homem dos lobos", procedimento que foi criticado em outra passagem do texto.

parceiros. Trata-se de um processo necessário para que se chegue a uma conclusão. Em outros termos, a elaboração (tempo para compreender) resulta no momento de concluir.

Conforme já demonstramos, existem três momentos de concluir no sofisma. O primeiro momento de concluir antecipa a conclusão final do terceiro. Passando do primeiro ao segundo e deste ao terceiro, verifica-se uma progressão, pois algo que era tido como precipitado finalmente dá lugar a uma conclusão. O conceito freudiano de *nachträglich* (posterior, só depois) situa-se, no que concerne ao sofisma de Lacan, na passagem da certeza antecipada para a certeza final, ou seja, compreende o vetor horizontal do tempo objetivado, que não é outra coisa senão a progressão lógica do sofisma (vide quadro acima). Se acompanharmos a progressão do sofisma, verificamos que existem dois tempos para compreender. O primeiro dá lugar à certeza subjetiva da primeira etapa. O segundo leva à segunda certeza, que marca o final da segunda etapa. E na passagem para o terceiro momento de concluir (terceira certeza), a dúvida não dura mais que o instante do olhar, ou seja, o que seria o tempo para compreender se confunde com o instante do olhar, resultando num momento de concluir, desta vez definitivo.

Erik Porge comenta a aplicação "individual" do tempo lógico empreendida por Lacan nos anos 50:

"Nesse momento, tudo se passa como se Lacan desse aos três tempos uma consistência, independentemente do balé dos três personagens, como se eles pudessem ser transpostos fora desse contexto para um sujeito particular." (Porge, 1993, p.58).

De fato, neste período, as referências de Lacan aos três tempos em geral apontam para questões da clínica psicanalítica. Isto sem dúvida se deve à polêmica em torno da prática das sessões de tempo variável, que resultou na expulsão de Lacan da SPP (Sociedade Psicanalítica

de Paris)¹¹.

2.3.2 *A questão da demora e da pressa em relação à certeza e à dúvida*

Lacan atribui uma ênfase especial à questão da pressa no processo de solução do sofisma. A pressa é o que produz a passagem do tempo para compreender para o momento de concluir, fazendo com que o sujeito se precipite, antecipando deste modo a sua solução. Precipitar-se é lançar-se ainda sem a garantia de uma certeza definitiva. Antecipar-se é a condição de poder dizer que concluiu, situando-se deste modo necessariamente em relação aos outros. No desejo de antecipar-se, (A) se precipita. A pressa surge porque ele sabe que se deixar os outros lhe tomarem a dianteira ele não terá meios de concluir. Esta certeza antecipada, ao ser manifesta, lhe dá garantias de seu adiantamento em relação aos outros. Nas palavras de Lacan:

"No entanto, reparem que, assim que ele chegar a esta compreensão, ele tem de precipitar seu movimento. Com efeito, a partir do momento em que chegou a esta compreensão, tem de conceder que cada um dos outros possa ter chegado ao mesmo resultado. Logo, se ele os deixar tomar nem que seja um mínimo de dianteira, ele vai recair em sua incerteza anterior. É de sua própria pressa que depende que ele não esteja enganado." (Lacan, 1954-55, p.361).

A pressa então é o que permite que o sujeito manifeste sua conclusão. Ela resulta da demora do outro. Temos aí, patente, o difícil problema da comparação de tempos que não são objetivos mas sim subjetivos. O que estava sendo vivido como demora do outro, de súbito se

11. Este assunto será abordado no próximo capítulo. É curioso que o próprio texto sobre o tempo lógico esteja submetido a um efeito *nachträglich* (posterior, só depois), já que passa a ter outra significação à medida que eventos e escritos posteriores o modificam e transformam seu peso e importância.

transforma em pressa, já que o outro também se movimenta. É exatamente quando ele vê que os outros vão junto com ele, que ele se equivoca, pois passa imediatamente a duvidar de sua certeza. Assim, no sofisma, a pressa tem uma relação com a demora; elas se intertrocam em um determinado momento, aquele justamente em que (A) vê os outros dois partirem junto com ele. O que era experimentado como demora de ambos, com sua saída, transforma-se em pressa. Lacan afirma que introduziu no sofisma as noções de atraso e pressa justamente para mostrar seu valor lógico (Cf. Lacan, 1954-55, p.361). Como não se pode medir quanto tempo leva a demora do outro, a estrutura temporal é dada por uma lógica imanente à relação intersubjetiva, e não pela medida de um espaço de tempo. Através desta lógica, neste jogo de demora e pressa onde os três sujeitos partem e param, é viabilizada a solução.

No momento em que a demora do outro vira pressa, surge a dúvida. O que resulta desta alternância de demora e pressa é a dúvida. Lembremos que, na retomada freudiana do sujeito cartesiano tal como a empreende Lacan, há uma valorização da emergência de um sujeito da certeza através da dúvida radical acerca da existência. A dúvida é um elemento integrante do pensamento e genético para o sujeito¹², tanto em Descartes como em Lacan.

Lacan também sublinha a relação estreita existente entre a pressa e a verdade:

"Ele se acha em presença de dois termos que têm propriedades de sujeito, que pensam que nem ele. E para ele mesmo, a verdade, a partir do ponto em que chegou de sua dedução, depende da pressa com a qual dará o passo em direção à porta, depois do que, terá de dizer porque pensou assim. A aceleração, a precipitação no ato, revela-se aí como

12. Nas Meditações metafísicas é bastante evidente o privilégio que Descartes reserva à dúvida e ao equívoco no que concerne ao sujeito que aspira adquirir a certeza da existência. É interessante observar o comentário de Lacan, que relaciona a dúvida no sofisma com a dúvida do sujeito do cogito cartesiano, no Seminário sobre a Identificação. (Cf. Lacan, 1961-62, aula de 10/01/61)

coerente com a manifestação da verdade." (Lacan, 1954-55, p.361).

A pressa, que é capaz de precipitar uma ação, é entendida por Lacan como um elemento articulado com a verdade. Ela é algo produtivo. Não se trata de um simples estado psíquico, nem apenas de uma relação fenomenológica com o semelhante, mas de algo essencial na ligação dos homens com o tempo. Tempo e pressa estão interligados na reflexão lacaniana a partir do texto em questão, e parecem apontar, ao longo da obra de Lacan, para questões relativas à sessão e ao tratamento. O problema de como a pressa é capaz de produzir o que ele denomina certeza antecipada, deve ser analisado em sua incidência clínica. A questão da pressa situa-se em estreita relação com o jogo de alteridade e semelhança de uma lógica coletiva:

"Mas se vocês se remetem aos meus textos - a *pressologia*, aqueles que estão atentos a minhas obras sabem que tratei dela num pequeno sofisma, o do problema dos três prisioneiros - poderão ver que ali sou mais prudente e que, se não vou até o fim da fórmula é por alguma razão. A função da pressa, a saber, essa maneira por que o homem se precipita em sua semelhança ao homem, não é a angústia. (...)" (Lacan, 1960-61, p.351).

A função da pressa é definida como "a maneira pela qual o homem se precipita em sua semelhança ao homem". Isto, sem dúvida é uma referência a uma passagem no final do artigo em questão, onde Lacan fala da asserção de certeza antecipada como "um movimento que dá a forma lógica de toda assimilação humana (...)" (Lacan, 1966, p.213). De qualquer modo, é impressionante a maneira como Lacan sintetiza seu "pequeno sofisma" com o termo "pressologia", revelando o privilégio que a questão adquire alguns anos depois. Transcrevemos

o exemplo de Lacan ao comentar a inadequação de uma afirmação como "eu sou um homem", presente em "O Tempo Lógico e a ...", a propósito de uma pressa inerente à condição humana:

"1. Um homem sabe o que não é um homem."

"2. Os homens se reconhecem entre eles por serem homens."

"3. Eu afirmo ser um homem, por medo de ser convencido pelos homens de não ser um homem." (Lacan, 1966, p.213).

Este falso silogismo que conclui o texto de Lacan, opera sustentando que cada homem se apressa em afirmar algo de que não pode ter certeza senão por uma relação que passa necessariamente pelo semelhante. A condição humana fica marcada por uma pressa essencial na relação com o semelhante.

Como diz Lacan, pressa não é atraso ou adiantamento:

"Há uma terceira dimensão do tempo que, incontestavelmente, não lhes pertence, e que tento imajar para vocês, por intermédio deste elemento que não é nem o atraso nem o adiantamento, porém a pressa, ligação própria do ser humano com o tempo, com o carro do tempo, que está aí, a esporeá-lo por detrás. É aí que a fala se situa, e que não se situa a linguagem que, ela, dispõe do tempo inteiro." (Lacan, 1954-55, p.363)

Passagem significativa porque situa em termos linguístico-estruturais a interpretação de Lacan, aproximando a fala (*parole*), ato individual, da pressa, e deixando à linguagem, necessariamente coletiva, a totalidade do tempo ou eternidade.

2.3.3 *Moção suspensa ou escansão suspensiva*

Moção e escansão são termos preciosos, arcaicos e pouco usuais. Moção significa movimento, ato ou efeito de mover-se, ou também, proposta de uma assembléia ou coletividade. Escansão significa ato ou modo de escandir, ou seja, de decompor, por exemplo, um verso em seus elementos métricos ou destacar na pronúncia as sílabas de uma palavra ou de um verso. No sofisma as moções suspensas ou escansões suspensivas, tal como Lacan as sinonimiza, representam as duas paradas que viabilizam uma progressão lógica e permitem que os prisioneiros cheguem à solução do problema.

Retomemos o processo de solução do sofisma a partir da certeza subjetiva (antecipada) do final da primeira etapa. Esta etapa, como vimos, termina com o movimento de (A), que indica que ele chegou a uma conclusão. Mas esse movimento é imediatamente interrompido. Esta interrupção marca ao mesmo tempo um progresso, já que objetiva os tempos (na primeira moção suspensa objetiva o tempo do instante do olhar e na segunda o tempo do tempo para compreender, Cf. quadro acima) e engendra uma retomada do raciocínio, permitindo que o sujeito chegue a uma nova conclusão. Lembremos que no Seminário 2 Lacan diz que seu sofisma "foi expressamente fabricado no intuito de distinguir o imaginário e o simbólico." (Lacan, 1954-55, p.359). Situamos a progressão lógica do sofisma justamente como um processo de simbolização. Isto porque ao final da primeira etapa, com a certeza antecipada, o sujeito tem uma resposta fundamentada na inércia dos outros, portanto dependente de uma relação intersubjetiva, em outros termos, imaginária. A simples movimentação dos outros, coloca esta certeza em dúvida e, como já vimos, neste processo de sair-parar-sair novamente, o sujeito chega a uma solução final que não depende mais da reação dos outros. As duas paradas engendram um processo de re-significação, de simbolização. Enquanto a primeira certeza é subjetiva e se dá num tempo também subjetivo (o tempo que (A) imagina necessário para (B) e (C) concluírem), a certeza final

é, segundo Lacan, dessubjetivada, enquanto o tempo é objetivado. Entendemos os termos "subjetivo" e "dessubjetivado", deste modo aplicados, como respectivamente imaginário e simbólico (ou desimaginarizado).

O que se entende na herança freudiana por interpretação e que foi tratado por Lacan como "ato psicanalítico" em sua obra, aparece de modo privilegiado em alguns momentos, entendido como uma intervenção. É possível distinguir três modos diferentes de intervenção no discurso do analisando: a escansão, a pontuação e o corte. Às vezes Lacan parece utilizá-los como sinônimos:

"Sendo assim, é uma pontuação feliz que confere sentido ao discurso do sujeito. Eis por que a suspensão da sessão, tratada pela técnica atual como puramente cronométrica e, portanto, indiferente à trama do discurso, tem o papel de uma escansão com o valor de uma intervenção para precipitar momentos concludentes. E isso significa libertar este termo de seu quadro rotineiro para submetê-lo a todos os fins úteis da técnica." (Lacan, 1966, p.252).

Lembremos que Lacan utiliza o termo escansão também no sentido de uma intervenção clínica. A escansão é um procedimento retórico relativo à leitura da poesia respeitando sua métrica. Podemos figurar a escansão enquanto procedimento técnico quando o analista destaca, repete as sílabas ou corta palavras no discurso do paciente, abrindo deste modo um caminho para uma ressignificação. Ao escandir uma palavra, o analista ao mesmo tempo em que desfaz seu sentido, engendra no analisando um processo de elaboração, que permite a emergência de um novo sentido. A questão do sentido também pode ser aproximada da *Nachträglichkeit* (posterioridade ou só depois) freudiana, e o próprio Lacan o faz na seguinte passagem do

seminário 2:

"Se o *Nachträglich* com efeito, significa alguma coisa, é que é no instante em que a frase é terminada, que o sentido se destaca." (Lacan, 1960-61, p.238).

Esta é talvez, uma das fórmulas mais ricas na leitura estrutural que Lacan empreende de Freud. O sentido, portanto, é dado retroativamente, a partir de uma pontuação, termo que também é utilizado por Lacan. Na verdade, o corte da sessão pode ser efetuado por intermédio de uma pontuação ou de uma escansão, mas isto não quer dizer que toda escansão e pontuação interrompam necessariamente uma sessão, já que é possível o analista intervir deste modo também durante a sessão.

John Forrester considera a pontuação uma das principais formas de intervenção psicanalítica:

"Quando o analista intervém através da pontuação do discurso do paciente (seja encerrando a sessão, seja por outros meios quaisquer), ele está modulando o tempo da análise de acordo com a experiência do paciente da temporalidade ou, melhor dizendo, o seu estar-no-tempo; essa é uma das principais formas de intervenção, independentemente do fato de ter ou não conhecimento dela: trará, inevitavelmente, a pressa, precipitará uma conclusão ou, talvez, prolongará a espera, agudizará a percepção da hesitação." (Forrester, 1990, pp.146-7).

No ato de falar podemos identificar toda uma fenomenologia do tempo: pausa para respiração, pressa, rapidez, hesitação, ritmo, etc... Ao incidir no discurso do paciente a pontuação

rompe com sua seqüência temporal, organizada pela consciência enquanto simples sucessão. Assim como no sofisma, o que é demora pode se transformar em pressa. Especialmente em relação à pontuação, Gerard Pommier ressalta a emergência de um saber inconsciente:

"A pontuação é esta intervenção mínima do analista, que pode consistir numa confirmação ou na emissão de algum ruído. Ela chama a atenção do analisando para um de seus dizeres e provoca, assim um "efeito sujeito": graças a ela, o paciente se questiona sobre o que acabou de enunciar e pressente aí um saber desconhecido." (Pommier, 1987, p.31).

O efeito da pontuação no sujeito assemelha-se ao efeito da moção suspensa no sofisma de Lacan: ambos produzem uma retomada da situação; enquanto o prisioneiro refaz seu raciocínio, o analisando repensa o que acabou de dizer. A pontuação engendra deste modo um processo de elaboração.

Para Lacan, o corte da sessão é "sem dúvida o modo mais eficaz de intervenção e de interpretação analítica" (Lacan, 1958-59). Em primeiro lugar, o corte não é o único modo de interpretação: existem outros. Lacan, entretanto, o considera privilegiado. Por que? O corte, efetuado por meio de uma pontuação ou escansão, produz um "efeito sujeito", para utilizar o termo de Pommier, e provoca uma elaboração. Este tempo para compreender (a elaboração) se dá fora da sessão e seu produto é trazido na sessão seguinte. O privilégio que Lacan confere a este tipo de intervenção justifica-se no fato dela prescindir de qualquer enunciado: um ruído ou um gesto são suficientes, garantindo deste modo a ausência da dimensão explicativa e imaginária da interpretação. Poderíamos compreender a partir disto, como Lacan se utiliza da noção linguística de enunciação como algo separado e independente do enunciado no que concerne à

interpretação.

Em síntese, é possível afirmar que a intervenção do psicanalista durante as sessões guarda uma pertinente analogia com as moções-escansões suspensas do sofisma de Lacan.

3. O Tempo Lógico e o Problema da Duração

Após examinarmos o texto sobre o tempo lógico e sua repercussão na obra de Lacan, estudaremos seu alcance clínico sob o aspecto da duração, entendida como decurso mensurável de tempo.

A referência mais importante sobre o tempo lógico em sua incidência clínica encontra-se em "Função e campo..." (Lacan, 1966, pp.237-322), texto redigido num momento histórico preciso (1953), ou seja, quando Lacan é chamado a se explicar perante os membros da SPP (Sociedade Psicanalítica de Paris) sobre sua prática das sessões de tempo variável, que contrariava as normas vigentes. Podemos interpretar este texto como resposta às críticas a ele dirigidas; Lacan procura apresentar os motivos teóricos de tal procedimento, mostrando as diferentes incidências do tempo na técnica psicanalítica: primeiro, em relação à duração do tratamento psicanalítico e a seguir, em relação à duração da sessão. Seguiremos, portanto, esta bipartição da temporalidade do sujeito no campo freudiano, que evoca a questão do término, da interrupção, em suma, da finitude tal como aparece na teoria e prática psicanalítica.

3.1 A duração de uma análise

Pode-se inferir do que já foi mencionado anteriormente, que existe na obra de Lacan um evidente primado do conceito freudiano de *Nachträglichkeit* (posterioridade, só depois). Isto ocorre a partir de um duplo expediente. Por um lado, há uma valorização da questão da temporalidade através de uma retomada dos postulados freudianos. Por outro, notamos o

reconhecimento da legitimidade da questão sobre a duração de um tratamento entendida como uma questão acerca do papel do tempo na psicanálise. É possível prever quanto tempo levará um tratamento? Que resultados podem ser obtidos do artifício técnico de fixar o término de uma análise? Segundo Lacan:

"O tempo desempenha seu papel na técnica sob várias incidências. Ele se apresenta primeiro na duração total da análise, e implica o sentido a dar ao término da análise, que é a questão anterior àquela dos signos de seu fim. Tocaremos no problema da fixação de seu término. Mas desde agora, é claro que essa duração não pode ser antecipada para o sujeito senão como indefinida. (...) não podemos prever do sujeito qual será seu *tempo para compreender*, (...)" (Lacan, 1966, p.310).

A duração do tratamento, portanto, só é mensurável *nachträglich* (posteriormente, só depois). A duração de uma análise é dita indefinida em uma antecipação para o sujeito. Estabelecer um prazo de antemão é, para Lacan, assim como para Freud, incorrer num erro que traz sérias conseqüências para o analisando:

"A fixação antecipada de um termo, primeira forma de intervenção ativa, inaugurada pelo próprio Freud, qualquer que seja a segurança divinatória (no sentido próprio do termo), de que possa dar provas o analista ao seguir seu exemplo, deixará sempre o sujeito na alienação de sua verdade." (Lacan, 1966, p.311).

Aqui Lacan está se referindo à análise do "homem dos lobos", na qual Freud utilizou o artifício técnico da fixação de seu termo. De início os resultados pareceram satisfatórios,

entretanto Freud pôde mais tarde reconhecer os riscos de tal procedimento. O problema de se tentar prever o fim do tratamento levou-o a avaliar o próprio conceito de final de análise. A partir deste questionamento, já no final de sua vida, Freud redige "Análise terminável e interminável" (Freud, 1937a; 1937b), artigo que discute a possibilidade de se conduzir uma análise até o fim, avaliando as ambições terapêuticas, as dificuldades e obstáculos com os quais a psicanálise se defronta. É, portanto, um texto que tem como pano de fundo praticamente toda a experiência clínica e a produção teórica de Freud. Além de apresentar uma reflexão em torno desta experiência, também aponta para as condições de possibilidade delimitadas pelo campo teórico da psicanálise.

Apresentaremos a seguir os principais pontos abordados neste artigo, que sem dúvida representa a teoria mais acabada de Freud a propósito da duração do tratamento psicanalítico, servindo também como base para as formulações posteriores de Jacques Lacan.

Freud inicia seu artigo chamando atenção para o fato de que desde o início a experiência mostrou ser a terapia psicanalítica um trabalho moroso. Não faltaram tentativas de diversos analistas, inclusive do próprio Freud, no sentido de encurtar a duração das análises. Entretanto, o tempo mostrou terem elas fracassado.

Otto Rank considerava o ato do nascimento a verdadeira fonte da neurose e acreditava que, através da solução analítica deste trauma originário, toda a neurose poderia ser afastada, sendo para isto necessários apenas alguns meses. Freud critica a teoria de Rank, usando a metáfora da lamparina: numa casa em chamas, os bombeiros limitar-se-iam a retirar de um dos cômodos a lamparina que causara o incêndio. É interessante que Freud não se preocupe em questionar a coerência interna deste tipo de teoria traumática. Mesmo admitindo a hipótese da importância do trauma do nascimento, seus efeitos se alastrariam como o fogo, de modo que sua solução se tornaria muito pouco significativa frente ao quadro neurótico do paciente. Ou seja, não

basta postular e deste modo eliminar o hipotético fator causador da neurose. Este fator produz uma série de efeitos, que também necessitam ser tratados. Freud parece dizer que, ao contrário da medicina, cessada a causa, não cessam necessariamente os efeitos, já que sua duração deixa uma marca indelével no sujeito. O tratamento psicanalítico lida, portanto, com todos os efeitos de um processo neurótico, sendo inútil privilegiar algum aspecto, ainda que este seja determinante ou causal.

Com o "Homem dos Lobos" (Freud, 1918 [1914]) o próprio Freud utilizou um caminho para acelerar o tratamento. Após um significativo progresso no trabalho analítico, este estancou. Diante do perigo do fracasso, devido justamente ao seu sucesso parcial, Freud decidiu-se pela fixação de um limite de tempo para a análise. Ocorreu então a desejada transformação:

"Suas resistências definharam e, nesses últimos meses de seu tratamento, foi capaz de reproduzir todas as lembranças e descobrir todas as conexões que pareciam necessárias para compreender sua neurose primitiva e dominar a atual. Quando me deixou, (...) tomei-o por total e definitivamente curado (hielt ich ihn für gründlich und dauernd geheilt)." (Freud, 1937a, pp.248-9; 1937b, p.61)¹³

Mais tarde, entretanto, pôde verificar que estava enganado. O paciente sofreu diversas crises, que foram interpretadas como ramificações de sua doença. Em relação à fixação de um limite de tempo para o tratamento, empregada por Freud também em outros casos, ele afirma:

13. Esta tradução é da nossa responsabilidade, já que discordamos da solução encontrada na Edição Standard Brasileira (Freud, 1937a). Toda vez que isto se repetir, aparecerá também a referência à edição original alemã (Freud, 1937b).

"Só pode haver um veredicto sobre o valor desse artifício de chantagem: é eficaz desde que se acerte com o tempo correto para ele. Mas não se pode garantir a realização completa da tarefa. Pelo contrário, podemos estar seguros de que, embora parte do material se torne acessível sob a pressão da ameaça, outra parte será retida e, assim, ficará sepultada, por assim dizer, e perdida para nossos esforços terapêuticos, pois, uma vez o analista tenha fixado o limite do tempo, não pode ampliá-lo; de outro modo, o paciente perderia toda a fé nele." (Freud, 1937a, p.250)

Aqui Freud apresenta um paradoxo: a eficácia do artifício depende de algo que não se pode saber previamente, ou seja, o tempo correto só é mensurável *a posteriori* (*nachträglich*). Curiosamente, no entanto, Freud não desaconselha totalmente este artifício. Adverte que, neste caso, o ditado de que o leão só salta uma única vez, procede, e admite que não existe regra geral que determine a ocasião correta para se recorrer a ele. Freud parece sublinhar o caráter experimental desta decisão, já que, ao invés de ser aplicada de acordo com regras técnicas, ela fica exclusivamente à mercê do tato do analista. Assumir, portanto, o risco e o acaso é algo que um analista não pode descartar. E isto, sem sombra de dúvida, dá um sentido peculiar ao repertório de observações técnicas que Freud nos legou.

Na verdade, toda esta discussão sobre os modos de abreviar o tratamento analítico desemboca em uma problemática mais central: existe algo que possa ser chamado "fim natural" (*natürliches Ende*) (Freud, 1937a,p.250; 1937b,p.63) de uma análise? E, mesmo que, ao consultar nossa experiência, não encontremos exemplos, podemos teoricamente defender a possibilidade disso acontecer? E o que quer dizer "fim de uma análise"? (*Ende einer Analyse*) (Freud, 1937a,p.250; 1937b,p.63) . Em "Análise terminável e interminável" Freud examina duas

concepções diferentes, que provavelmente representavam a opinião vigente no meio analítico. A partir de um ponto de vista prático, afirma ele, pode-se dizer que uma análise termina quando psicanalista e analisando deixam de se encontrar, já que o paciente não sofre mais de seus sintomas e o analista, por sua vez, considera não haver mais risco de uma repetição do processo patológico. A outra concepção, segundo Freud mais ambiciosa, se refere à possibilidade do trabalho analítico conduzir o paciente a "um nível de normalidade psíquica absoluta" (Freud, 1937a, p.251), atingindo-se uma estabilidade permanente. Freud não chega a afirmar que discorda destas concepções de fim de análise. Entretanto, ao analisá-las, ele mostra e discute os problemas implícitos em ambas, do ponto de vista de sua realização.

O primeiro problema concerne ao modo de evitar a repetição de um processo patológico. Que garantia pode ter um analista de que determinado processo patológico não venha a se repetir? Para isto é necessário livrar-se definitivamente de um conflito entre o ego e uma pulsão, o que não significa que uma exigência pulsional desapareça, e sim que ocorra um "amansamento da pulsão" (*Bändigung des Triebes*) (Freud, 1937a, p.256; 1937b, p.69), de modo que esta não continue buscando um caminho independente para a satisfação. Pulsão amansada, por assim dizer, significa pulsão em harmonia com o ego.

Freud, entretanto, admite que não existe nenhuma técnica específica para se alcançar este resultado, e conclui: "Sem especulação e teorização metapsicológica ... não daremos outro passo à frente" (Freud, 1937a, p.257). Assim sendo, sugere como pista para abordar este problema, a antítese entre o processo primário e secundário, neste caso, a relação entre a força da pulsão e a força do ego.

Freud apresenta então como, e sob quais condições se dá o amansamento da pulsão numa pessoa normal. O fator quantitativo é apresentado como um fator decisivo para a solução de um conflito pulsional. Seja por um enfraquecimento do ego, por exemplo pela doença ou cansaço

excessivo, seja pelo reforço da pulsão, em circunstâncias como a puberdade e a menopausa ou também em outras ocasiões devido a causas acidentais, a relação entre a força da pulsão e a força do ego é alterada. Surgem conflitos que até então não haviam se manifestado. O amansamento da pulsão depende, portanto, de uma relação específica entre a força da pulsão e a força do ego. Em outras palavras, ele é um estado de equilíbrio entre estas duas forças.

Cabe aqui ressaltar que, ao exemplificar o que ocorre com as pessoas normais, Freud sublinha o fato de que está partindo da presunção de que o que a análise proporciona aos neuróticos é o mesmo que as pessoas normais obtêm por conta própria. Entretanto, um pouco mais à frente ele pergunta:

"Mas será isso realmente assim? Não é precisamente a reivindicação de nossa teoria o fato de que a análise produz um estado que nunca surge espontaneamente no ego e que esse estado recentemente criado constitui a diferença essencial entre uma pessoa que foi analisada e outra que não foi?" (Freud, 1937a, p.259)

A partir da afirmação de que a análise produz um estado que nunca surge espontaneamente no ego, podemos concluir que as pessoas ditas "normais" também podem se beneficiar de um tratamento psicanalítico. Aliás é também esta constatação que sustenta a importância da experiência da análise no processo de formação dos analistas. Apenas conhecer a teoria, como veremos mais adiante, não é suficiente para exercer a psicanálise.

Mas, afinal, o que é este estado egóico inatingível a não ser através da análise? Segundo Freud, a psicanálise realiza a "correção posterior" (die nachträgliche Korrektur) (Freud, 1937a, p.260; 1937b, p.71) do processo original do recalque. É na primeira infância que ocorrem todos os recalques, que são medidas de defesa ainda primitivas, devido à imaturidade

e fraqueza do ego. Estes recalques infantis persistem e sua eficácia depende totalmente da relação entre as forças envolvidas: mostram-se insustentáveis quando, por exemplo, ocorre um aumento da força pulsional. Posteriormente, o ego mais forte e maduro é capacitado, através da análise, a fazer uma revisão dos antigos recalques. Neste processo de revisão, alguns recalques são demolidos e outros reconhecidos, "aceitos" (anerkannt) (Freud, 1937a, p.259; 1937b, p.71), sendo reconstruídos com um material mais sólido. Tornam-se, deste modo, capazes de enfrentar um aumento da força pulsional. Em outras palavras, a revisão do recalque, proporcionada pela análise, acaba com o domínio do fator quantitativo. Freud, entretanto, vai mostrar que, na prática, não é exatamente isso o que observamos:

"...a análise, ao pretender curar as neuroses através da garantia do domínio da pulsão, está sempre correta na teoria, mas nem sempre na prática. E isso porque ela nem sempre obtém êxito em garantir, em grau suficiente, as fundações sobre as quais o domínio da pulsão se baseia." (Freud, 1937a, p.262; 1937b, p.74)

Portanto, até mesmo o ego maduro, sustentado pelo trabalho da análise, fracassa em sua missão quando a força pulsional é excessiva, mostrando que, após a revisão do recalque, o domínio do fator quantitativo não é eliminado.¹⁴

O segundo problema referente às concepções de fim de análise, evocado no texto em questão, discute a viabilidade de um trabalho profilático, que consistiria em despertar conflitos não manifestos no intuito de evitar o surgimento de outros conflitos. Que garantia pode ter um

14. Lembremo-nos que Freud define a pulsão como um conceito limítrofe entre o somático e o psíquico, que se faz presente através de uma força constante, cuja magnitude é sempre ignorada fora de um conflito psíquico determinado (cf. Freud 1905 e 1915). Em última análise, o aspecto econômico da magnitude pulsional é insondável e imprevisível.

analista de que seu paciente esteja definitivamente curado, ou seja, que jamais substituirá um conflito pulsional por outro? Mas, sobretudo, como despertar estes conflitos e quais as conseqüências disso?

Três possibilidades são apresentadas. A primeira seria tornar o conflito ativo, na realidade. Isto provocaria uma situação de sofrimento e perigo tal, que não justificaria esta medida como profilática. A segunda seria tornar o conflito ativo, na transferência. Esta possibilidade também é descartada, já que além de não se poder trazer todos os conflitos para a transferência, este procedimento implicaria numa atitude, por parte do analista, prejudicial à transferência positiva. A terceira e última possibilidade seria falar ao paciente sobre outros conflitos pulsionais que poderiam surgir nele, com a expectativa de que, assim como uma vacina, o efeito seria de ativar um conflito de forma branda, mas o suficiente para que fosse tratado. Entretanto, Freud verificou na prática a total ausência de reação por parte do paciente diante deste tipo de informação.

Nestes dois problemas analisados no texto em questão, correspondentes às definições de fim de análise, fica claro que Freud discute fundamentalmente a força relativa das pulsões. Entretanto, existem outros dois fatores que também são considerados decisivos para o sucesso de uma análise, a saber: a influência da etiologia traumática e as alterações do ego.

Quanto à influência da etiologia traumática, que talvez seja o fator menos abordado no texto, diz Freud: "Não há dúvida de que uma etiologia do tipo traumático oferece, de longe, o campo mais favorável para a análise" (Freud, 1937a, p.252). O fortalecimento do ego permitirá que uma decisão inadequadamente tomada na vida primitiva seja substituída por uma solução correta. Mas, apesar de afirmar que somente nestes casos podemos considerar a análise "definitivamente terminada" (Freud, 1937a, p.252), logo a seguir ele admite que, se o paciente não tiver produzido mais nenhum distúrbio após o término do tratamento psicanalítico, não temos com isto a garantia de que ele adquiriu uma imunidade, pois isto poderia ser atribuível a um

destino bondoso ou algo semelhante.

É importante lembrar que a análise do "Homem dos Lobos" foi considerada por Freud como terminada e razoavelmente bem sucedida, o que anos mais tarde revelou-se um engano (cf. Freud, 1937a.). Inclusive, no que concerne à questão do procedimento de marcar antecipadamente o término do tratamento, além da discussão sobre o diagnóstico de uma neurose obsessiva infantil, há uma interessante polêmica reunindo vários autores atuais que discutem se não teria sido desencadeada uma psicose latente no "homem dos lobos" com esta experimentação freudiana.¹⁵ Lacan concorda com o fracasso assumido por Freud em sua análise do "homem dos lobos":

"Primeiramente, o homem dos lobos - apesar de todo o feixe de provas demonstrando a historicidade da cena primitiva, apesar da convicção que manifesta para com ele, imperturbável diante das dúvidas metódicas cuja prova Freud lhe impõe - jamais consegue entretanto integrar sua rememoração em sua história. Em segundo lugar, o homem dos lobos demonstra ulteriormente sua alienação da maneira mais categórica, sob uma forma paranoide." (Lacan, 1966, p.311).

O outro fator a ser analisado é chamado por Freud de "alteração do ego". O ego tem por função a mediação entre o id e o mundo externo. Além de proteger o id contra os perigos do mundo externo, o ego também se defende do id quando percebe que a satisfação de uma pulsão

15. Este tipo de discussão justifica-se a partir das formulações de Jacques Lacan em torno do conceito de forclusão, indicado por ele de forma enigmática no caso do Homem dos Lobos. Os principais autores que percebem uma conexão da problemática do tempo e da duração do tratamento, isto é, do procedimento técnico de Freud com o fracasso ulterior do tratamento são: Jean Allouch, Erik Porge, Serge Leclair e Jean-Claude Maleval.

pode produzir conflitos com o mundo externo.

Freud encontra uma fórmula singular para abordar o problema da aliança com o ego na análise. Lembrando que nas psicoses este tipo de cooperação regularmente fracassa, ele afirma que um ego normal, absolutamente cooperante, é na verdade uma ficção ideal. Ao contrário, um ego anormal não é uma ficção. Em seu ponto extremo ele tende ao ego psicótico. As alterações do ego, portanto, podem ser definidas como desvios do ego normal fictício em direção ao ego psicótico. Esses desvios são o efeito dos mecanismos de defesa, utilizados pelo ego para evitar o perigo, a angústia e o desprazer. Este processo de alteração conduz o ego ao enfraquecimento e à alienação quanto ao mundo externo, fatores estes responsáveis pelo desenvolvimento de uma neurose.

Uma importante característica do ego é a tendência a repetir pela vida afora o arsenal de mecanismos de defesa utilizados desde a primeira infância. Assim, por um lado ele passa a defender-se de perigos que não mais existem, e por outro busca situações que substituem o perigo original, com isto justificando sua defesa. Na análise, o paciente repete seus mecanismos defensivos, e é deste modo que o analista pode conhecê-los. O trabalho da análise é uma oscilação entre a correção de algo no ego e o tornar consciente de algo do id.

O problema é que os mecanismos de defesa, além de constituírem resistências ao reconhecimento dos conteúdos do id, também constituem resistência ao restabelecimento. Ao tratar dos temas eminentemente técnicos da reação terapêutica negativa e da resistência ao restabelecimento, Freud não está se referindo apenas a uma quantidade bruta de esforço exigido pelas pulsões. Refere-se sobretudo à pulsão de morte como o principal responsável pelas resistências do id, expressando-se como masoquismo, sentimento de culpa, necessidade de punição e compulsão à repetição. É este o obstáculo último ao fim de uma análise, no que concerne à teoria pulsional mais acabada de Freud.

Retomando agora aquelas duas concepções de fim de análise, podemos dizer que fica evidente sua incompatibilidade com o pensamento freudiano. Nossa hipótese é que Freud discute as duas principais correntes de opinião vigentes entre os psicanalistas da época, entretanto não encontramos nenhuma passagem em "Análise terminável e interminável", onde o próprio Freud se posicione claramente a esse respeito.

Ao citar uma conferência de Ferenczi, proferida em 1927 no Congresso Psicanalítico de Innsbruck e intitulada "O problema do fim da análise" (Ferenczi, 1993 [1927]), Freud privilegia determinados aspectos em detrimento de outros, o que nos permite situar um pouco melhor sua posição em relação a este assunto. Estão em discussão a importância da análise pessoal de cada psicanalista em sua formação e, conseqüentemente, em sua prática, e o difícil problema da dissolução do complexo de Édipo e superação do complexo de castração, que seriam supostamente um pré-requisito metapsicológico para a definição do fim de um tratamento psicanalítico.

Freud está de acordo com Ferenczi, quando este afirma que a análise não é um processo interminável, mas para que seja conduzida até o fim, exige, por parte do analista, perícia e paciência e, principalmente, que ele tenha "aprendido o suficiente de seus próprios erros e equívocos" (Freud, 1937a, p.281). O termo paciência sugere o empenho em aprofundar ao invés de encurtar as análises. Já a perícia envolve não só a formação teórica e a experiência prática do analista mas algo mais: sua análise pessoal. E é neste ponto que o tratamento psicanalítico se diferencia, por exemplo, de um tratamento médico. Enquanto uma doença no coração não interfere na capacidade de um cardiologista diagnosticar e tratar corretamente seus pacientes, no que diz respeito ao trabalho analítico, verificamos que os "defeitos" do analista interferem tanto na avaliação que este faz do paciente, quanto no modo de conduzir o tratamento. Na psicanálise o inconsciente é uma finalidade, mas também é um meio ou instrumento imprescindível.

Esta peculiaridade da clínica psicanalítica tem sérias implicações no que diz respeito à formação dos psicanalistas. Por motivos óbvios, não se pode exigir que os candidatos a analista sejam seres de rara perfeição. Mas, como então impedir que seus "defeitos" interfiram em sua prática?

O que Freud apresenta como solução para este impasse e, ao mesmo tempo, pré-requisito para a formação de novos analistas, é que estes se submetam à experiência da análise. E, acrescenta:

"Por razões práticas, essa análise só pode ser breve e incompleta. (...) Essa análise terá realizado seu intuito se fornecer àquele que aprende a convicção firme da existência do inconsciente, se o capacitar, quando o material recalado surge, a perceber em si mesmo coisas que de outra maneira seriam inacreditáveis para ele, e se lhe mostrar um primeiro exemplo da técnica que provou ser a única eficaz no trabalho analítico" (Freud, 1937a, pp.282-3)

Com isto, Freud está sublinhando o fato de que a formação teórica não só é insuficiente, como incapaz de proporcionar ao candidato a analista as condições mínimas para que ele exerça sua profissão. Em outras palavras, o acesso ao inconsciente não se dá por intermédio do saber, mas sim através da experiência. Entretanto, isto também não significa que se possa prescindir da formação teórica, pois não basta apenas ser analisado para se tornar analista.

Freud acrescenta então que, uma vez encerrada a análise, os estímulos recebidos devem continuar produzindo efeitos, os processos de "modificação do ego" (Ichumarbeitung) (Freud, 1937a, p.283, 1937b, p.95) devem prosseguir espontaneamente, fazendo-se uso das novas experiências neste recém adquirido sentido.

Mas o fato de que determinados processos perdurem não significa que, a partir de um dado momento se possa prescindir dos encontros com o analista. Em relação ainda, à análise dos novos analistas, Freud adverte para o que ele chama de "perigos da análise". Entre eles enumera o uso de mecanismos de defesa que afastem o analista da influência crítica e corretiva da análise, e também o despertar de exigências pulsionais consequente às constantes preocupações com questões relativas ao recalçamento na mente humana. Para enfrentar estes perigos, sugere que todo analista se submeta a cada cinco anos novamente à análise. Mas isto faria também da análise do analista um trabalho interminável.

De certo modo percebemos como o comentário freudiano tende a admitir o aspecto interminável da análise, pois ou a análise prossegue por si mesma sem o auxílio do psicanalista, uma vez terminada torna-se interminável, ou então a análise não foi longe o bastante para ser considerada terminada, e os problemas profissionais exigem uma repetição da análise. Para resumir, poderíamos dizer que, uma vez que a análise é interminável de direito, é preciso que seja repetidamente terminada de fato (lembramos que o aspecto de reforço foi ressaltado pelos neo-freudianos com o termo "reanálise"). Freud procura deixar claro que "qualquer que seja nossa atitude teórica para com a questão, o término de uma análise é ... uma questão prática" (Freud, 1937a, p.284), o que indica que a decisão, em última instância fica a critério do psicanalista, tendo este em mente que "a análise deve produzir as condições psicológicas favoráveis às funções do ego" (Die Analyse soll die für die Ichfunktionen günstigen psychologischen Bedingungen herstellen) (Freud, 1937a, p.284; 1937b, p.96) e não procurar enquadrar o analisando num determinado padrão de normalidade, nem tampouco livrá-lo da possibilidade de sofrer paixões ou desenvolver conflitos internos.

Curiosamente, Freud não menciona uma das passagens mais importantes do artigo de Ferenczi, que sustenta uma opinião totalmente divergente da freudiana no que se refere à análise

do analista. Além de não ver nenhuma diferença entre uma análise terapêutica e uma análise didática, Ferenczi afirma que na prática clínica não é necessário conduzir todos os tratamentos até o final, mas:

"...em contrapartida, o analista, de quem depende o destino de tantos seres, deve conhecer e controlar até as fraquezas mais escondidas de sua própria personalidade, o que é impossível sem uma análise inteiramente terminada."

(Ferenczi, 1993 [1927], p.21)

Freud também discorda de Ferenczi, que considera que o repúdio à feminilidade, que nas mulheres se manifesta como o desejo de ter um pênis e nos homens como a luta contra a passividade, deva ser dominado, constituindo uma condição para o fim da análise. Ele diz:

"Em nenhum ponto de nosso trabalho analítico, se sofre mais da sensação opressiva de que todos os nossos repetidos esforços foram em vão, e da suspeita de que estivemos "pregando ao vento", do que quando estamos tentando persuadir uma mulher a abandonar seu desejo de um pênis, com fundamento de que é irrealizável, ou quando estamos procurando convencer um homem de que uma atitude passiva para com os homens nem sempre significa castração e que ela é indispensável em muitos relacionamentos na vida".(Freud, 1937a, p.286)

Freud reconhece que o repúdio da feminilidade é algo inerente a todo ser humano, entretanto acha difícil afirmar se e quando, em uma análise, este fator seria dominado. Aventa inclusive a possibilidade dele ser "um fato biológico, uma parte do grande enigma da

sexualidade" (Freud, 1937a, p.287). Não obstante, considera fundamental que o analista dê ao analisando "todo incentivo possível para reexaminar e alterar sua atitude para com ele" (Freud, 1937a, p.287). Exigir, portanto, a superação da castração ou o domínio absoluto do repúdio à feminilidade como pré-requisito para o fim da análise, seria impor uma condição de difícil realização, adiando mais ainda a solução de um problema que demanda resposta prática.

Qual seria então a concepção freudiana de fim de análise? Lembremos que o título do artigo é "Die endliche und die unendliche Analyse", que significa mais exatamente: A análise terminável e a análise interminável ou ainda, A análise finita e a análise infinita, e não conforme a Edição Standard: "Análise terminável e interminável". Encontramos uma discussão sobre o problema da tradução do título nos artigos de Löwenberg, Löwenthal e Chebabi, apresentados no trigésimo quinto congresso da Associação Internacional de Psicanálise. Löwenthal (1987) comenta que os termos "endlich" e "unendlich" têm uma série de conotações, que correspondem apenas parcialmente aos termos "terminável" e "interminável". Além disso, ele chama a atenção para o fato de que na tradução da Edição Standard, encontramos as palavras terminável e interminável mesmo quando no texto original Freud utiliza termos distintos, como *Abschluss* (conclusão), *Ende* (fim) ou *Beendigung* (terminação). Há, portanto, uma extensa gama de acepções que assinala a preocupação freudiana em conceituar a duração de um tratamento e o problema de sua interrupção.

Löwenberg (1987) traduz "endliche" por finita e "unendliche" por infinita, e afirma que a mensagem de Freud é de que a análise não pode ser finalizada: "analista e analisando têm que continuar a examinar seu inconsciente por toda a vida", o que implica em dar ao termo infinito o sentido afirmativo de um processo, ao invés de mera caracterização da análise como um estado privado de fim.

Segundo Chebabi (1987) "terminável" e "interminável" evocam principalmente a idéia

de um "termo", um "período de tempo limitado" enquanto as palavras "endlich" e "unendlich" trazem uma referência à idéia de fim (Ende). Para ele, "a intenção plausível de Freud era destacar que o objetivo de tornar uma análise finita, só pode ser consumado através da disposição em aceitá-la enquanto infinita".

Voltemos ao texto freudiano. Ao abordar os casos predominantemente traumáticos, Freud (1937a) afirma que somente nestes casos, ao conseguir substituir por uma solução correta a decisão inadequada tomada em sua vida primitiva, pode-se falar de uma análise definitivamente terminada, o que sugere que em todos os outros casos, as análises só possam ser terminadas de modo não definitivo. Numa carta a Fliess, de 1900, encontramos a seguinte passagem:

"E. concluiu finalmente sua carreira como paciente, comparecendo a um jantar em minha casa. ...Eu poderia ter continuado o tratamento, mas tive a sensação de que tal prolongamento seria um compromisso entre a doença e a saúde, que os próprios pacientes desejam, e o médico, portanto, não deve concordar com ele. A conclusão assintótica do tratamento não faz, basicamente, nenhuma diferença para mim, mas é uma decepção a mais para as pessoas de fora." (Freud, 1896, p.410)

Este trecho sugere uma continuidade da reflexão inicial freudiana com suas conclusões finais: conclusão assintótica e término não definitivo são termos equivalentes que indicam o caráter preponderantemente interminável de uma análise. Mas isto não significa que o analista deva prolongar certas análises indefinidamente. Freud é bastante claro quando diz: "não estou pretendendo afirmar que a análise é, inteiramente, um trabalho sem conclusão." (Ich habe nicht die Absicht zu behaupten, dass die Analyse überhaupt eine Arbeit ohne Abschluss ist) (Freud, 1937a, p.284; 1937b, p.96).

Sugerimos, então, uma nova tradução para o título "Die endliche und die unendliche Analyse": a análise terminável e a análise infinita, onde "infinita" indica que o processo analítico não tem fim, enquanto "terminável" aponta para a necessidade de, na prática, o trabalho psicanalítico ser efetivamente concluído.

Lacan retomou o problema do fim da análise em seus ensinamentos, relacionando-o principalmente com a questão da formação dos analistas. Assim, instituiu o "passe", procedimento através do qual o analista é chamado a dar provas perante uma comissão, de ter concluído o percurso de sua análise pessoal, tornando-se deste modo aceito como psicanalista pelos membros de sua instituição. Devemos notar entretanto, que, a despeito de seu caráter específico de solução institucional, a racionalidade implícita na "experiência do passe" jamais teve a pretensão de modificar os argumentos principais do texto de Freud. Neste sentido, a expressão de Lacan "aporia do fim da análise" parece mais uma tentativa de tradução deste difícil título, marcando o caráter inextrincável de terminável e interminável na argumentação freudiana.¹⁶

Ainda que não seja evidente o procedimento de analogia e extensão de que Lacan se utiliza para tratar conjuntamente o problema da duração do tratamento e da duração da sessão, podemos dizer que para ele a questão da temporalidade se revela em ambas as dimensões. O que podemos concluir em relação à duração de uma análise e sua relação com o tempo lógico é que tanto para Freud como para Lacan não é possível estabelecê-la *a priori*, e ainda, independentemente da concepção que tenhamos do final da análise, o tempo que o sujeito levará para atingi-lo só poderá ser medido retroativamente (*nachträglich*). O aspecto da antecipação de uma certeza fica condenado a ser sempre um risco e uma ousadia cuja responsabilidade caberá

16. Essas questões do passe, da transmissão da psicanálise e da concepção de final de análise em Lacan, embora instigantes, escapam ao nosso tema e por isso não serão desenvolvidas neste trabalho.

exclusivamente ao sujeito em questão, sem que nenhum saber constituído possa se arvorar em garanti-lo. Lacan afirmava expressamente, como já vimos, que é impossível uma previsão do tempo para compreender do sujeito. Considerando que o término de uma análise supõe igualmente o término da sessão, e que a recíproca não é verdadeira, devemos agora nos deter na questão concernente aos modos pelos quais se inscreve a finitude da sessão, e de que maneira, isto que recebeu soluções pragmáticas de grande simplicidade na prática de Sigmund Freud e de Jacques Lacan, acabou sofrendo uma hipertrofia na cultura psicanalítica.

3.2 A duração de uma sessão

Já mencionamos que Lacan jamais se deteve em uma explicação acerca do tempo lógico. É com surpresa entretanto, que observamos a frequência e o modo como este termo vem sendo utilizado, sempre associado apenas à duração da sessão psicanalítica, ou melhor, à curta duração das sessões. O termo *tempo lógico* se tornou uma espécie de "sinal distintivo" de uma prática dita lacaniana, sendo com isto, muitas vezes utilizado de forma incorreta. No senso comum os analistas lacanianos são distinguidos como aqueles que "trabalham com o tempo lógico" e na mídia encontramos afirmações como: "a clínica lacaniana se caracteriza pelo exercício do tempo lógico..."

O que observamos, de um modo geral, é a falta de rigor, atitude que vem contribuindo para a vulgarização e distorção deste conceito, além da simplificação grosseira de uma leitura de Freud bastante rica e matizada como a de Lacan. Talvez possamos encontrar na história da psicanálise e de sua difusão as possíveis razões deste problema. Vejamos, inicialmente, como se situava a prática de Freud e de Lacan em relação ao tempo de duração das sessões psicanalíticas.

3.2.1 *Freud e o tempo das sessões*

Freud admitia que diferentes manifestações patológicas não poderiam ser tratadas por uma única técnica. Em casos graves de neurose obsessiva, por exemplo, estaria contra-indicada uma escuta passiva, que poderia acarretar numa eternização do tratamento. Entretanto, dentre as variações possíveis da técnica, Freud jamais incluiu o tempo das sessões. Estas tinham para ele um tempo pré-fixado; apenas o tempo do tratamento ficaria em aberto. É bastante ilustrativo o depoimento de Joseph Wortis, no livro em que testemunha sua análise pessoal empreendida com Freud em 1934. Nos relata ele, que logo na primeira entrevista, antes de ser conduzido ao divã, é advertido pelo pai da psicanálise nos seguintes termos:

"(...) uma análise exige uma hora por dia, cinco dias por semana e começa por um período de teste de quatorze dias, no final dos quais, os dois parceiros, o doutor e o paciente, decidem se pretendem continuar. A partir deste momento, presume-se que a análise terá continuidade, ainda que nada exista de verdadeiramente obrigatório." (Wortis, 1954, p.30).

Excetuando o período inicial de descoberta da psicanálise, em todas as análises conduzidas por Freud, longas ou breves, com ou sem um final pré-fixado, o tempo das sessões permaneceu sempre definido. Houve apenas uma alteração: as sessões que nos primeiros tratamentos duravam uma hora, a partir de um determinado momento se reduziram a cinquenta minutos. No entanto, não ocorriam mudanças na duração de uma sessão para outra no decorrer dos tratamentos. Uma interrupção prematura da sessão seria para Freud uma ruptura do laço associativo.

Em uma das raríssimas passagens onde Freud aborda explicitamente a questão da duração

das sessões, que ocupa apenas poucos parágrafos de um dos pequenos textos componentes dos *Artigos Técnicos*, notamos que o princípio de ceder uma hora ao paciente é abordado do ponto de vista de responsabilizá-lo pelo tratamento e deste modo poder lidar com as resistências. Como diz ele:

"Com referência ao tempo, atendo-me estritamente ao princípio de ceder uma hora determinada. A cada paciente é atribuída uma hora específica de meu dia de trabalho disponível; pertence a ele que é responsável por ela, mesmo que não faça uso da mesma. Este acordo que é aceito como natural para professores de música ou idiomas na sociedade, pode talvez parecer rigoroso demais num médico, ou até mesmo indigno de sua profissão." (Freud, 1913, p.168)

Devemos observar inclusive que, em nenhum lugar dos referidos escritos técnicos se pode encontrar qualquer justificativa para a duração de cinquenta minutos ou uma hora arbitrada por Freud em sua prática cotidiana. Parece-nos que o que preocupava a ele era indicar que, à duração determinada, correspondia o compromisso do paciente com sua própria análise, assim como seu empenho em lutar contra as resistências do recalque e suas influências ocultas.

3.2.2 *Lacan e as "sessões curtas"*

Desde então, o problema da duração das sessões permanece inquestionado, ainda que a fundamentação teórica e a argumentação técnica permanecessem totalmente ausentes. Podemos imaginar o impacto na França e na comunidade psicanalítica internacional, quando um psicanalista conceituado e de prestígio, ocupando lugar de destaque na hierarquia francesa da IPA (International Psychoanalytical Association/Associação Psicanalítica Internacional), começa a

ser acusado de romper sem justificativa um cânone técnico integralmente aceito e, até a ocasião, jamais questionado. No início dos anos 50 correm boatos na SPP (Sociedade Psicanalítica de Paris) em torno da prática de Lacan. Ele estaria empregando uma nova técnica ao interromper a fala de seus analisandos, não se atendo a um tempo fixo das sessões. Apesar do regulamento de 1949 não mencionar a obrigatoriedade do cumprimento de um determinado tempo para as sessões, já se admitia há vinte anos na IPA que os tratamentos didáticos deveriam ter a duração mínima de quatro anos, com três, quatro ou cinco sessões semanais de cinquenta minutos. Essa prática vinha sendo aplicada não só à didática como também à terapêutica.

A nova "técnica" de Lacan, portanto, rompe com as regras estabelecidas. Segundo Elisabeth Roudinesco:

"Essa técnica não agrada a ninguém. Ao ver de seus colegas, Lacan reúne um número excessivo de tratamentos didáticos e transforma seus analisandos em alunos. Teme-se que ele se torne um mestre, sem que se indaguem as razões que motivam a afluência de seus alunos ao seu divã. Reduz-se sua posição teórica e clínica a um "poder carismático" julgado nefasto. Assim, no interior do combate travado entre os partidários de Lagache e os de Nacht, a prática lacaniana é alvo de uma contestação permanente." (Roudinesco, 1988, p.255)

Em 1951 a comissão de ensino exige que Lacan regularize sua situação. A promessa é feita, mas não cumprida. Em seguida, Sacha Nacht pede que ele se explique perante os efetivos, o que faz com que ele pense estar livre de seus compromissos anteriores. Entretanto, lhe é exigida uma nova promessa, de se ater às seguintes regras: doze meses de duração mínima do tratamento e um mínimo de três sessões semanais de três quartos de hora. Mas Lacan mais uma vez não

cumpra sua promessa. Segue-se então um período de ruptura em que Lacan tenta negociar de múltiplas maneiras, mas não cede um milímetro sequer neste ponto polêmico. Mais tarde, ele próprio irá se referir a este episódio que resultou em seu desligamento da IPA como um *kherem* seguido de *chammata*, para indicar aquilo que no judaísmo é ainda mais radical que a excomunhão cristã pois assinala "a impossibilidade de retorno". (Cf. Lacan, 1964)

Em 1964 Lacan funda a EFP (Escola Freudiana de Paris), acumulando as funções de diretor, mestre e legislador de um novo modo de formação. Embora não se possa dizer que a querela das sessões de tempo variável fosse um traço distintivo para aqueles que se agrupavam em torno do mestre, ela sem dúvida era um elemento integrante da renovação institucional psicanalítica de Lacan. Como sintetiza Elisabeth Roudinesco:

"Liberto de qualquer limitação institucional, Lacan instaura durante dezesseis anos um verdadeiro *laboratório* de psicanálise. Dedicou-lhe sua vida inteira, sua energia e seu amor, sem jamais pleitear uma folga. Mistura todos os gêneros e reduz a nada todas as regras de uso clássico, com um talento para a intervenção raramente igualado na história do freudismo. (...) Varia infinitamente a duração das sessões e seu espaço no tempo: de um minuto a uma hora, ou de uma sessão por semana a dez por dia." (Roudinesco, 1988, p.447)

Como indicam vários testemunhos (Pierre Rey, 1990; Jean Guy-Godin, 1991, Gérard Pommier¹⁷; Roudinesco, 1986), Lacan jamais abandonou a prática das sessões de tempo variável,

17. Gerard Pommier, por exemplo, relata que certa ocasião foram-lhe necessárias três sessões para que relatasse um único sonho, que entretanto foi trabalhado com uma intensidade, segundo ele, jamais permitida por uma sessão dita padrão. (Cf. Roudinesco, 1988, p.450)

que para ele "tem um sentido dialético preciso em sua aplicação técnica" (Lacan, 1966, p.315). Observemos que as sessões eram chamadas "curtas" não por Lacan¹⁸, mas por seus opositores, e isto se devia ao fato de que, apesar de variarem de um minuto a uma hora segundo o relato de seus analisandos, de um modo geral, com o passar dos anos, as sessões se tornaram mais curtas.

Nos anos 60 Lacan ainda se referia à prática das sessões de tempo variável como sendo uma técnica. Entretanto, posteriormente ele abandonou a noção de técnica em função da concepção de uma prática psicanalítica. Sobre este assunto, citamos um trecho de Patrick Guyomard:

"Não existe para Lacan uma técnica analítica, existe uma prática da análise.(...)

Mas esta prática impõe um outro termo cuja paternidade é eminentemente lacaniana: um estilo. A técnica dá lugar ao estilo. O estilo do analista é o conceito da relação do analista com sua prática e, conseqüentemente, com o inconsciente. Este é um dos pontos onde se verifica melhor que o retorno a Freud não é uma repetição, mas um movimento que só se efetua a partir de um estilo já constituído. Este estilo não é somente original, próprio, ele é outro, ele afirma outra coisa. É a marca do sujeito enquanto sujeito do desejo, o que ele tem de insubstituível."

(Guyomard, 1985, p.151)

Para Lacan um analista não é aquele que obedece a determinadas regras técnicas. O estilo

18. Numa passagem em "Função e campo..." Lacan comenta os efeitos observados em um paciente seu a partir de consecutivos cortes das sessões: "Não diríamos tanto se não estivéssemos convencidos de que ao experimentar em um momento, vindo à sua conclusão, de nossa experiência, **o que se chamou de nossas sessões curtas**, pudemos fazer nascer em tal sujeito macho, fantasias de gravidez anal com o sonho de sua resolução por cesariana num prazo em que de outra maneira teríamos ainda chegado até a escutar suas especulações sobre a arte de Dostoiévski." (grifo nosso) (Lacan, 1966, p.315)

é a marca da singularidade de cada analista. Não se trata tampouco de imitar o estilo de outrem, pois isto não é possível. "Seja analista e faça o que você quiser" - esta teria sido a resposta mais evidente de Lacan, segundo Guyomard, à pergunta sobre quais as regras que um analista deveria obedecer. Em outras palavras, não é sabendo o que fazer que você vai se tornar um analista; é sendo analista que você estará apto a responder por tudo o que fizer. Isto significa portanto, que, para Lacan, a importância fundamental está na formação do psicanalista entendida de modo global e orgânico, e nunca na supervalorização de procedimentos técnicos que seriam por si mesmos signos distintivos do analista e de sua prática.

Parece-nos então que, se Lacan praticava as sessões ditas "curtas", ou isto está diretamente relacionado com seu estilo, ou com motivos de ordem pessoal. Se o tempo lógico muitas vezes é associado com as "sessões curtas", trata-se de um equívoco. Se existe sessão curta, existe sessão comprida e ambas supõem uma medida, um tempo relacionado com o espaço.¹⁹

É importante que isto fique claro: se a prática de Lacan tem a ver com o tempo lógico é somente devido ao fato de que ele cortava as sessões e não porque as encurtava. Não é o tempo da sessão que é lógico. Este só pode ser fixo ou variável.

Só podemos, portanto, relacionar o tempo lógico com a duração das sessões na medida em que estas tenham um tempo variável, ou seja, porque o seu término não é estabelecido pelos ponteiros de um relógio, e sim por um corte. E este corte significa: sessão cumprida. Não importa quanto tempo se passou.

Um dos sentidos que se depreende do texto "O Tempo Lógico..." que comentamos no segundo capítulo, é o privilégio da temporalidade intrínseca à questão (ao sofisma no caso). O

19. Talvez, em relação à neurose obsessiva, seja sustentável o artifício técnico de encurtar as sessões, o que foi sugerido por Lacan de modo ambíguo. Porém, isto só pode ser entendido como um instrumento utilizado pelo analista, nada tendo a ver com algum tipo de exigência decorrente do campo conceitual a que pertence o tempo lógico.

tempo é um elemento interior ao processo de subjetivação e jamais uma simples objetivação que poderia ser conhecida previamente. A duração deve ser compreendida como um processo construído na relação do sujeito com a alteridade ao invés de ser confinada ao conceito de espaço enquanto mera medida do tempo. Notemos aí que o conceito de *Nachträglichkeit* (posterioridade, só depois) e o postulado do inconsciente como estranho ao tempo sucessivo e espacializado da consciência preservam sua absoluta pertinência e coerência.

3.3 A polêmica em torno das sessões curtas: de Lacan aos "lacanianos"

Se, por um lado, podemos justificar teoricamente a prática das sessões de tempo variável, por outro, não podemos fazer o mesmo em relação às sessões ditas "curtas", aliás nem mesmo às sessões "compridas" ou àquelas ditas "padrão". A sessão curta é assim definida por uma comparação com a sessão "padrão", de 45 ou 50 minutos. Não encontramos, entretanto, na teoria psicanalítica nenhuma justificativa para que se adote uma determinada medida em detrimento de outra. O que há de novidade na relação entre tempo lógico e o tempo da sessão é justamente o fato de qualquer medida pré-determinada ser decididamente abolida.

Sabemos, ao mesmo tempo, que Lacan de um modo geral encurtou o tempo das sessões, o que na época permitiu que ele recebesse um número maior de pacientes, muitos dos quais eram alunos seus e/ou analistas em formação. Deste modo, ele reunia à sua volta mais e mais pessoas, o que sem dúvida alguma resultava num aumento de prestígio e de poder. A inovação de Lacan representou, portanto, uma forte ameaça e suscitou as mais diversas reações e críticas no meio psicanalítico.

Segundo François Dosse, em sua "História do estruturalismo" (1993), a prática das

sessões de duração variável gerou escândalo, principalmente ao ser constatado que as sessões em grande maioria se transformaram em sessões curtas ou até muito curtas. A principal crítica a esta prática se referia ao abuso de poder e à questão dos honorários do psicanalista:

"É evidente que essas sessões muito curtas permitem a Lacan recuperar o máximo de dinheiro num mínimo de tempo, fazendo assim da profissão de analista uma profissão mais lucrativa do que a de chefe de empresa, meio como qualquer outro de fazer da psicanálise uma carreira social, acumulando a legitimidade científica e a possibilidade de fazer fortuna." (Dosse, 1993, p.121)

As sessões curtas, além de permitirem a Lacan ganhar mais dinheiro, ofereciam a possibilidade de formar uma geração de analistas que se tornavam discípulos fiéis, tanto em relação ao ensino didático como também ao se engajarem numa "relação transferencial de dependência afetiva total ao mestre" (Dosse, 1993, p.122).²⁰

Assim, não podemos deixar de notar a gama de interesses de ordem pessoal vinculados à prática das sessões curtas. Ao mesmo tempo, é preciso examinar as justificativas teóricas para a prática das sessões com duração variável. Por exemplo, o argumento que Genie Lemoine sustenta em uma entrevista parece representar uma fiel leitura da obra de Lacan naquilo que existe de argumentação. Ela afirma que a escansão ou pontuação é aquilo que permite a estruturação da frase, sendo por conseguinte uma intervenção fundamental, já que sem pontuação o paciente falaria sozinho. Joel Dor considera perfeitamente admissível que uma escansão oportuna intervenha no discurso do analisando, sublinhando alguma coisa e colocando um limite

20. Esta hipertrofia da influência de Lacan não ficou excluída de sua própria teorização, atenta para problemas como o saber, a verdade, a mestria e o discurso do mestre.

provisório à sua fala na transferência com o analista. Lamenta, entretanto, que esta idéia fundamentada e fecunda das sessões com tempo variável tenha se transformado em sistematização das sessões extremamente curtas por inconfessáveis razões econômicas (Cf. Dosse, 1993, p.122).

A importância da escansão ressaltada por estes depoimentos não elimina os aspectos de interesse pessoal, mas procura conferir legitimidade à prática das sessões de duração variável. Em outros termos, a teoria respalda o tempo variável das sessões, mas de modo algum qualquer tipo de tempo pré-determinado.

Como vimos, Lacan passou a desconsiderar o tempo da sessão estipulado pela IPA no início dos anos 50. Sua preocupação em justificar a prática das sessões com tempo variável resultou das inúmeras críticas e acusações dirigidas a ele naquela época. Depois disso, Lacan não voltou a abordar este assunto.

Chegando mais perto de nossa realidade, constatamos que o que para Lacan se restringe a um problema situado historicamente, permanece especialmente em nossos dias sendo discutido no meio psicanalítico brasileiro. Ocorre evidentemente um interesse especial pela psicanálise e seus conceitos em nossa sociedade. O Brasil vive imerso em uma cultura psicologizante, onde as "novidades" ganham acesso imediato à mídia. Como observa Sérvulo Figueira:

"A psicanálise brasileira (...) parece ter se difundido maciçamente, dando origem a uma *cultura psicanalítica brasileira*. (...) A palavra "psicanálise" e o rótulo "psicanalista" são cercados de uma aura de prestígio, sendo portanto citados e manipulados nas mais diversas circunstâncias." (Figueira, 1988, pp.133-4)

Este fenômeno da difusão da psicanálise é bastante específico em relação aos

ensinamentos de Lacan. No Brasil verificamos atualmente, não só no Rio de Janeiro como também em outros estados, uma proliferação de grupos e instituições psicanalíticas vinculadas ao ensino da teoria de Lacan, assim como também um crescente debate em instituições não-lacanianas e no meio universitário. Lacan ocupa hoje um lugar significativo nas estantes das livrarias, onde se encontra uma vasta bibliografia de comentaristas estrangeiros e nacionais.

A importância das contribuições de Lacan no campo da psicanálise tornou-se, portanto, incontestável. Ao mesmo tempo, a prática de seus seguidores é constantemente criticada, especialmente no que se refere à duração das sessões. Assim, o tempo lógico, erroneamente tratado como sinônimo de sessão curta, é com grande frequência tornado alvo de discussões e de debates.

Em 10 de agosto de 1993, numa entrevista ao jornal *O Globo* o psicanalista francês Jean Laplanche fez a seguinte afirmação: "o tempo lógico serviu de pretexto para os analistas encurtarem as sessões, uma escroqueria para se ganhar mais dinheiro". Esta afirmação soou mal entre os psicanalistas ligados ao ensino de Lacan. Criou-se então uma polêmica em torno da duração das sessões e nos dias que se seguiram saíram algumas matérias sobre o assunto, com depoimentos de psicanalistas lacanianos e não-lacanianos e até de um filósofo.²¹

Ao examinarmos os principais argumentos apresentados tanto a favor como contra a afirmação de Laplanche, constatamos que o cerne da discussão era a sessão curta e não propriamente o tempo lógico. Assim, uns defendiam, outros se opunham à prática das sessões curtas. Não nos parece razoável desprezar a questão do dinheiro, pivô das críticas a essa prática, já que vivemos numa sociedade capitalista, regida pelo lema "time is money". Não se trata,

21. Observemos que o aspecto polêmico desta questão transcende o interesse jornalístico em querelas intelectuais: a visita de Laplanche convidado pela IPA tem importância; sua dissidência de Lacan é significativa e corrobora suas críticas. Além disso, a influência e o modismo da prática de Lacan assumiram vulto no Brasil, movimentando mercado literário, faculdades e consultórios; por fim este debate sempre esteve latente ou oculto.

portanto, de dizer que o dinheiro não é importante, mas sim de que cada analista se responsabilize e responda por sua prática. Na verdade, nem a medida (longa ou curta) nem sua ausência, por si só, são garantia de que uma análise aconteça.

É preciso sim, que se desvincule a questão do tempo lógico da prática das sessões curtas, resgatando com isto a importância e extensão deste conceito na teoria e na prática psicanalítica. Em primeiro lugar, como já tentamos indicar no primeiro capítulo, o tempo lógico pode ser considerado equivalente ao tempo do inconsciente. Sendo assim, todo e qualquer analista "trabalha com o tempo lógico", não sendo isto privilégio de nenhuma prática em particular. Freud, numa passagem de "Análise Terminável e Interminável" deixa bem claro que aqueles que aspiram à profissão de psicanalista têm, antes de mais nada, que estar convictos da existência do inconsciente (Cf. Freud, 1937, p.283). E ter esta convicção é sem dúvida também conhecer as características dos processos inconscientes, em especial, a intemporalidade, que identificamos com o tempo lógico. O problema do tempo, portanto, é intrínseco ao conceito de inconsciente. Assim, a questão do tempo realmente faz sentido no projeto lacaniano de um autêntico retorno a Freud. A prática psicanalítica lida com a ausência do tempo segundo o postulado freudiano, independente de qualquer tendência teórica. Portanto, a questão do tempo lógico em Lacan, se retomada a partir da intemporalidade do inconsciente, deve ser entendida como uma problematização necessária e inerente à metapsicologia freudiana, e não simplesmente como artifício técnico.

Em segundo lugar, se podemos falar em tempo lógico com relação ao tempo das sessões, isto não é uma referência ao fato delas serem curtas ou longas e sim uma referência ao corte da sessão, que para Lacan tem efeitos de interpretação, precipitando os momentos conclusivos. O tempo lógico, portanto, está intimamente vinculado à interpretação analítica e seus efeitos no tempo, este último sim, cronológico.

CONCLUSÃO

O tempo lógico é um tema que atravessa todo o percurso de ensino de Jacques Lacan. Desde 1945, quando este termo foi empregado pela primeira vez, até o último seminário de Lacan, encontramos retomadas e diferentes articulações do tempo lógico com questões teóricas e clínicas, o que mostra a importância que este problema adquiriu em toda a sua obra.

Partimos da hipótese de que uma investigação rigorosa acerca do conceito de tempo lógico em Lacan possibilitaria uma reflexão sobre a problemática do tempo das sessões, desfazendo mal-entendidos e justificando a prática das sessões de tempo variável.

Considerando Lacan um releitor de Freud, iniciamos nossa pesquisa identificando nos textos de Freud os três conceitos que apresentam uma estreita relação com o conceito de tempo lógico. Mostramos a íntima relação entre a intemporalidade do inconsciente e o tempo lógico, relacionamos o mecanismo da *Nachträglichkeit* (posterioridade ou só depois) à questão da pontuação numa análise e do corte da sessão e com o fato do sentido ser conferido retroativamente, e indicamos a equivalência do *Durcharbeiten* (elaboração) ao tempo para compreender, que como vimos é uma instância temporal do tempo lógico.

A partir da análise do artigo "O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada", cuja idéia básica é a da dimensão lógica que o tempo adquire na solução do sofisma em oposição ao que seria da ordem de uma cronologia, do tempo referido ao espaço, procuramos estabelecer as correlações entre o sofisma de Lacan e a sessão de análise. Situamos então as três instâncias temporais (instante do olhar, tempo para compreender e momento de concluir),

a questão da demora e da pressa e as moções suspensas em relação à experiência da análise.

Por fim analisamos a questão do tempo lógico em relação à duração do tratamento e da sessão psicanalítica. Concluimos que tanto para Freud como para Lacan não se pode saber previamente quanto tempo levará o tratamento e, principalmente, que a fixação de seu término pode resultar em sérias conseqüências para o paciente. O tempo da análise, portanto, só pode ser medido *nachträglich* (posteriormente, só depois). No que concerne a duração da sessão, esta só pode ser relacionada com o tempo lógico na medida em que for variável. A prática das sessões ditas "curtas" não encontra qualquer justificativa no conceito de tempo lógico. Se podemos falar em tempo lógico com relação ao tempo das sessões, isto não é uma referência ao fato delas serem curtas ou longas e sim uma referência ao corte da sessão, que para Lacan tem efeitos de interpretação, precipitando os momentos conclusivos. O tempo lógico, portanto, está intimamente vinculado à interpretação e seus efeitos.

O objetivo principal que norteou este trabalho foi mostrar a abrangência do conceito de tempo lógico em termos teóricos e clínicos e com isto desfazer os mal-entendidos e distorções aos quais este conceito vem sendo submetido. Acreditamos que um dos possíveis desdobramentos deste trabalho poderia ser uma análise da situação atual da psicanálise dita "lacaniana" no Brasil, no que concerne a questão da duração das sessões. Sobre este assunto limitamo-nos em nosso trabalho a distinguir a prática das sessões de duração variável daquela das sessões curtas. O problema das sessões curtas, equivocadamente associado ao tempo lógico e a polêmica em torno desta prática são indubitavelmente dignos de maior atenção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- André, Serge
1987 *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- Chebabi, W.L.
1987 *Discussion of papers by Dr. Mahony, Dr. Loewenberg and Dr. Loewenthal on the context of Freud's writing of Analysis Terminable and Interminable*, mimeo (35° Congresso da Associação Internacional de Psicanálise, Montreal).
- Dosse, François
1993 *História do Estruturalismo. O campo do signo, 1945/1966.* vol 1. São Paulo, Editora Ensaio.
- Ferenczi, Sandor
1993 [1927] O problema do fim da análise. *Obras Completas*, Lisboa, Martins Fontes, volume 4.
- Figueira, Sérvulo A.
1988 *Psicanalistas e Pacientes na Cultura Psicanalítica. Efeito Psi.* org. S.A.Figueira. Rio de Janeiro, Campus.
- Forrester, John.
1990 *Seduções da Psicanálise. Freud, Lacan e Derrida.* São Paulo, Papirus.
- Freud, Sigmund
1895 Estudos sobre a histeria. *Edição Standard*, 2.
1897 Rascunho M. *Edição Standard*, 2.
1900 A Interpretação dos Sonhos. *Edição Standard*, 4-5.
1905 Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade. *Edição Standard*, 7.
1913 Sobre o início do Tratamento. *Edição Standard*, 12.
1914a Recordar, repetir e elaborar. *Edição Standard*, 12.
1914b Erinnern, Wiederholen und Durcharbeiten. *Gesammelte Werke*, 10.
1914c Sobre o Narcisismo, uma Introdução. *Edição Standard*, 14.
1915a O Recalque (Metapsicologia). *Edição Standard*, 14.
1915b Die Verdrängung. Frankfurt, Fischer Taschenbuch Verlag, Band 6394.
1915c O Inconsciente (Metapsicologia). *Edição Standard*, 14.
1915d Das Unbewusste. Frankfurt, Fischer Taschenbuch Verlag, Band 6394.
1915e Os instintos e suas vicissitudes. *Edição Standard*, 14.
1916 [1915] Sobre a Transitoriedade. *Edição Standard*, 14.
1918 [1914] História de uma neurose infantil. *Edição Standard*, 17.
1920a Além do princípio do Prazer. *Edição Standard*, 18.
1920b Jenseits des Lustprinzips. Frankfurt, Fischer Taschenbuch Verlag, Band 6394.
1923a O Ego e o Id. *Edição Standard*, 19.
1923b Das Ich und das Es.. Frankfurt, Fischer Taschenbuch Verlag, Band 6394.
1925 A Denegação.. *Edição Standard*, 19.
1926 [1925] Inibição, sintoma e angústia. *Edição Standard*, 20.

- 1932a Conferência 31: A dissecação da personalidade psíquica. *Edição Standard*, 22.
 1932b Die Zerlegung der Psychischen Persönlichkeit. Frankfurt, Fischer Taschenbuch Verlag, Band 6390.
- 1937a Análise terminável e interminável. *Edição Standard*, 23.
 1937b Die Endliche und die Unendliche Analyse. *Gesammelte Werke*, 16.
 1940 [1938] Esboço de psicanálise. *Edição Standard*, 23.
- Garcia-Roza, L.A.
 1991 Introdução à Metapsicologia Freudiana, volume 1. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- Godin, Jean-Guy
 1990 *Jacques Lacan. 5 Rue de Lille*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Gondar, Jô
 1995 *Os Tempos de Freud*. Rio de Janeiro, Livraria e Editora Revinter.
- Guyomard, Patrick
 1985 Le temps de l'acte — l'analyste entre la technique et le style. Posfácio de: Mannoni, Maud. *Un savoir qui ne se sait pas*. Paris, Denoël.
- Kant, Emmanuel.
 1983 [1787] Crítica da Razão Pura. *Os Pensadores: Kant I*. São Paulo, Abril.
 1988 [1787] *Kritik der Reinen Vernunft*. Frankfurt, Suhrkamp Verlag.
- Lacan, Jacques
 1937-66[36] Le Stade du Miroir comme Formateur de la Fonction du Je. *Écrits*. p. 93-100. Paris, Éditions du Seuil.
 1945-66 Le Temps logique et l'assertion de certitude anticipé. *Écrits*. p. 197-213. Paris, Éditions du Seuil.
 1953-54 Os Escritos técnicos de Freud. *O Seminário, livro 1*. Rio de Janeiro, Zahar Editores.(1983)
 1954-55 O Eu na teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise. *O Seminário, livro 2*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor Ltda.(1985)
 1956 [1953] Fonction et Champ de la Parole et du Langage en psychanalyse. *Écrits*. p. 237-322. Paris, Éditions du Seuil.
 1958-59 *Le désir et son Interpretation*. [6] Seminário inédito.
 1960-61 A Transferência. *O Seminário, livro 8*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor Ltda.(1992)
 1961-62 *L'Identification*. [livro 9] Seminário inédito.
 1963-64 Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise. *O Seminário, livro 11*. Rio de Janeiro, Zahar Editores.(1979)
 1964-66[60] Position de l'Inconscient. *Écrits*. p. 829-850. Paris, Éditions du Seuil.
 1976 [1973] *Proposição de 9 de outubro*. (MaisUm/CFRJ).
 1977-78 *Moment de conclure*. [livro 25] Seminário inédito.
 1978-79 *La Topologie et le Temps*. [livro 26] Seminário inédito.

- Laplanche, Jean e Pontalis, J.B.
s/d *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo, Martins Fontes, 6ª edição.
- Loparic, Zeljko
1991 [1989] Um olhar epistemológico sobre o inconsciente freudiano. *O Inconsciente: Várias leituras.org*. Knobloch, Felícia. São Paulo, Escuta.
- Löwenberg, P.
1987 *An Historical, Biographical, Literary, and Clinical Consideration of Freud's Analysis Terminable and Interminable on its Fiftieth Birthday*. mimeo (35º Congresso da Associação Internacional de Psicanálise, Montreal).
- Löwenthal, H.L.
1987 Notes on Sigmund Freud's Analysis Terminable and Interminable, mimeo (35º Congresso da Associação Internacional de Psicanálise, Montreal).
- Pascal, Georges.
1980 *O pensamento de Kant*. Petrópolis, Vozes.
- Pommier, Gérard
1987 *O Desenlace de uma Análise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor. (1990)
- Porge, Eric
1989a *Se compter trois. Le temps logique de Lacan*. Toulouse, Éditions Érès.
1994 *Psicanálise e tempo. o Tempo Lógico de Lacan*. Rio de Janeiro, Editora Campo Matêmico.
- Rey, Pierre
1990 *Uma temporada com Lacan*. Rio de Janeiro, Rocco.
- Roudinesco, Elizabeth
1988 *História da psicanálise na França. Vol.2*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
1993 *Jacques Lacan. Esquisse d'une vie, histoire d'un système de pensée*. Paris, Fayard.
- Ruffiot, A. e Corre, C.
1981 Point de vue psychanalytique sur la représentation du temps. *Les Études Philosophiques*.
- Vital Brazil, Circe Navarro
1988 *O Jogo e a Constituição do Sujeito na Dialética Social*. Rio de Janeiro, Forense Universitária.
- Wortis, Joseph
1974 *Psychoanalyse à Vienne, 1934. Notes sur mon analyse avec Freud*. Paris, Denoël.

BIBLIOGRAFIA

Allouch, Jean

1988 *132 Bons Mots avec Jacques Lacan.* Toulouse, Éres.

André, Serge

1987 *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

Balint, M.

1951 *Le Fin de l'Analyse. Oeuvres Complètes.* Paris, Denöel.

Blanton, Smiley

1973 *Journal de mon Analyse avec Freud.* Paris, PUF.

Chebabi, W.L.

1987 *Discussion of papers by Dr.Mahony, Dr.Loewenberg and Dr.Loewenthal on the context of Freud's writing of Analysis Terminable and Interminable*, mimeo (35° Congresso da Associação Internacional de Psicanálise, Montreal).

Didier-Weill, Alain

1988 *O Inconsciente Freudiano e a Transmissão da Psicanálise.* Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

1993 [1987] *Fim de uma Análise, Finalidade da Psicanálise.org.A.Didier-Weill.* Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

Doolittle, Hilda

1977 *Visage de Freud.* Paris, Denöel.

Dosse, François

1993 *História do Estruturalismo. O campo do signo, 1945/1966.* vol 1. São Paulo, Editora Ensaio.

Eco, Umberto

1977 *Como se faz uma Tese.* São Paulo, Perspectiva.

Ferenczi, Sandor

1993 [1927] *O problema do fim da análise. Obras Completas,* Lisboa, Martins Fontes, volume 4.

Figueira, Sérvulo A.

1981 *O Contexto Social da Psicanálise.* Rio de Janeiro, Francisco Alves.

1988 *Psicanalistas e Pacientes na Cultura Psicanalítica. Efeito Psi.* org. S.A.Figueira. Rio de Janeiro, Campus.

1993 *A Palavra e o Silêncio. Construções do Saber Psicanalítico na Universidade.* org. S.A.Figueira. Rio de Janeiro, Relume Dumará.

1994 *Como Freud Analisava?* org. S.A.Figueira. Rio de Janeiro, Grypho.

Forrester, John.

1990 *Seduções da Psicanálise. Freud, Lacan e Derrida.* São Paulo, Papirus.

Freud, Sigmund

- 1895 Estudos sobre a histeria. *Edição Standard, 2.*
 1897 Rascunho M. *Edição Standard, 2.*
 1900 A Interpretação dos Sonhos. *Edição Standard, 4-5.*
 1904 A Psicopatologia da Vida Cotidiana. *Edição Standard, 6.*
 1905 Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade. *Edição Standard, 7.*
 1913 Sobre o Início do Tratamento. *Edição Standard, 12.*
 1912 A Dinâmica da Transferência. *Edição Standard, 12.*
 1914a Recordar, repetir e elaborar. *Edição Standard, 12.*
 1914b Erinnern, Wiederholen und Durcharbeiten. *Gesammelte Werke, 10.*
 1914c Sobre o Narcisismo, uma Introdução. *Edição Standard, 14.*
 1915a O Recalque (Metapsicologia). *Edição Standard, 14.*
 1915b Die Verdrängung. Frankfurt, Fischer Taschenbuch Verlag, Band 6394.
 1915c O Inconsciente (Metapsicologia). *Edição Standard, 14.*
 1915d Das Unbewusste. Frankfurt, Fischer Taschenbuch Verlag, Band 6394.
 1915e Os instintos e suas vicissitudes. *Edição Standard, 14.*
 1916 [1915] Sobre a Transitoriedade. *Edição Standard, 14.*
 1918 [1914] História de uma neurose infantil. *Edição Standard, 17.*
 1920a Além do princípio do Prazer. *Edição Standard, 18.*
 1920b Jenseits des Lustprinzips. Frankfurt, Fischer Taschenbuch Verlag, Band 6394.
 1923a O Ego e o Id. *Edição Standard, 19.*
 1923b Das Ich und das Es.. Frankfurt, Fischer Taschenbuch Verlag, Band 6394.
 1925 Nota sobre o Bloco-Mágico. *Edição Standard, 19.*
 1925 A Denegação.. *Edição Standard, 19.*
 1926 [1925] Inibição, sintoma e angústia. *Edição Standard, 20.*
 1929 O Mal-Estar na Cultura. *Edição Standard, 21.*
 1932a Conferência 31: A dissecação da personalidade psíquica. *Edição Standard, 22.*
 1932b Die Zerlegung der Psychischen Persönlichkeit. Frankfurt, Fischer Taschenbuch Verlag, Band 6390.
 1937a Análise terminável e interminável. *Edição Standard, 23.*
 1937b Die Endliche und die Unendliche Analyse. *Gesammelte Werke, 16.*
 1940 [1938] Esboço de psicanálise. *Edição Standard, 23.*

Garcia-Roza, L.A.

1991 Introdução à Metapsicologia Freudiana, volume 1. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

Gay, Peter

1989 *Freud. Uma vida para nosso tempo.* São Paulo, Companhia das Letras.

Godin, Jean-Guy

1990 *Jacques Lacan. 5 Rue de Lille.* Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

Gondar, Josaida de Oliveira

1995 *Os Tempos de Freud*. Rio de Janeiro, Livraria e Editora Revinter. Tese defendida em 1993.

Green, André

1980 *Le temps mort. Nouvelle Revue de Psychanalyse*, Paris, Gallimard

Guyomard, Patrick

1985 *Le temps de l'acte — l'analyste entre la technique et le style*. Posfácio de: Mannoni, Maud. *Un savoir qui ne se sait pas*. Paris, Denoël.

Hirsch-Gusmão, Martha

1991 *Em busca do tempo (lógico) perdido*. Trabalho apresentado na Jornada da Escola de Psicanálise Movimento Freudiano, mimeo.

1993 *A questão do tempo lógico na teoria e prática psicanalítica. A palavra e o silêncio. Construções do saber psicanalítico na Universidade*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará.

1994 *Análise Terminável e Interminável. Como Freud Analisava?* org. S.A.Figueira. Rio de Janeiro, Grypho.

Jones, Ernest

1969 *La Vie et L'Oeuvre de Sigmund Freud*. (3 vols) Paris, PUF.

Jurainville, Alain

1987 *Lacan e a Filosofia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

Kant, Emmanuel.

1983 [1787] *Crítica da Razão Pura. Os Pensadores: Kant I*. São Paulo, Abril.

1988 [1787] *Kritik der Reinen Vernunft*. Frankfurt, Suhrkamp Verlag.

Kardiner, Abraham

1978 *Mon Analyse avec Freud*. Paris, Belfond.

Lacan, Jacques

1953-54 *Os Escritos técnicos de Freud. O Seminário, livro 1*. Rio de Janeiro, Zahar Editores. (1983)

1954-55 *O Eu na teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise. O Seminário, livro 2*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor Ltda. (1985)

1955-56 *As Psicoses. O Seminário, livro 3*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor Ltda. (1985)

1957-58 *Les Formations de l'Inconscient*. [livro 5] Seminário inédito.

1958-59 *Le désir et son Interpretation*. [6] Seminário inédito.

1960-61 *A Transferência. O Seminário, livro 8*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor Ltda. (1992)

1961-62 *L'Identification*. [livro 9] Seminário inédito.

- 1962-63 *L'Angoisse*. [livro 10] Seminário inédito.
 1963-64 Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise. *O Seminário, livro 11*. Rio de Janeiro, Zahar Editores. (1979)
 1964-65 *Problemes Cruciaux de la Psychanalyse*. [livro 12] Seminário inédito.
 1966 *Écrits*. Paris, Éditions du Seuil.
 1966-67 *Logique du Fantasme*. [livro 14] Seminário inédito.
 1972-73 Mais, Ainda. *O Seminário, livro 20*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor Ltda. (1982)
 1973-74 *Les Noms-du-Père*. [livro 21] Seminário inédito.
 1975-76 *Le Sinthome*. [livro 23] Seminário inédito.
 1976 [1973] *Proposição de 9 de outubro*. (MaisUm/CFRJ).
 1976 [1973] *Proposition de 9 de octobre*, Scilicet I, Paris, Seuil.
 1977-78 *Moment de conclure*. [livro 25] Seminário inédito.
 1978-79 *La Topologie et le Temps*. [livro 26] Seminário inédito.

Laplanche, Jean e Pontalis, J.B.

s/d *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo, Martins Fontes, 6ª edição.

Loparic, Zeljko

1991 [1989] Um olhar epistemológico sobre o inconsciente freudiano. *O Inconsciente: Várias leituras.org*. Knobloch, Felícia. São Paulo, Escuta.

Löwenberg, P.

1987 *An Historical, Biographical, Literary, and Clinical Consideration of Freud's Analysis Terminable and Interminable on its Fiftieth Birthday*. mimeo (35º Congresso da Associação Internacional de Psicanálise, Montreal).

Löwenthal, H.L.

1987 Notes on Sigmund Freud's Analysis Terminable and Interminable, mimeo (35º Congresso da Associação Internacional de Psicanálise, Montreal).

Masson, Jeffrey M.(org.)

1986 *A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1887-1904)*. Rio de Janeiro, Imago.

Miller, Jacques-A. (ed.)

1990 *La Scission de 1953. La Communauté Psychanalytique en France - 1*. Paris, Navarin.

Muller, J.P. e Richardson, W.J.

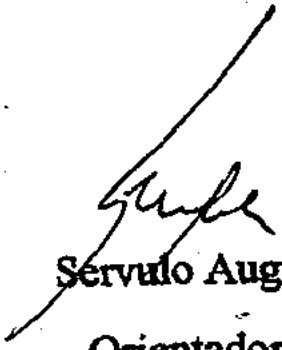
1987 *Ouvrir les Écrits de Jacques Lacan*. Toulouse, Ères.

Nasio, J.D.

1993 *Cinco Lições sobre a teoria de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

- Paine, Claire e Kleinman, Mary e Nassim, Sônia.**
1981 *A pressa é amiga da perfeição. Maisum, Boletim Periódico do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro. 6/7: 289-294.*
- Pascal, Georges.**
1980 *O pensamento de Kant. Petrópolis, Vozes.*
- Pommier, Gérard**
1990 *O Desenlace de uma Análise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.*
- Porge, Eric**
1989 *Se compter trois. Le temps logique de Lacan. Toulouse, Éditions Érès.*
- Quinet, Antonio**
1991 *As 4+1 Condições da Análise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.*
- Rey, Pierre**
1990 *Uma temporada com Lacan. Rio de Janeiro, Rocco.*
- Roudinesco, Elizabeth**
1988 *História da psicanálise na França. Vol.2. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor Ltda.*
1993 *Jacques Lacan. Esquisse d'une vie, histoire d'un système de pensée. Paris, Fayard.*
- Ruffiot, A. e Corre, C.**
1981 *Point de vue psychanalytique sur la représentation du temps. Les Études Philosophiques.*
- Schur, P. Max**
1975 *La Mort dans la Vie de Freud. Paris, Gallimard.*
- Solers, Collette**
1987 *O tempo em análise. Falo, Revista Brasileira do Campo Freudiano. 1: 81-91.*
- Sibony, Daniel**
1977 *El Otro Incastrable.*
1976 *Temps et effets de temps dans l'analyse. Scilicet 1, Paris, Seuil. (artigo não assinado)*
- Vital Brazil, Circe N.**
1988 *O Jogo e a Constituição do Sujeito na Dialética Social. Rio de Janeiro, Forense Universitária.*
- Wortis, Joseph**
1974 *Psychanalyse à Vienne, 1934. Notes sur mon analyse avec Freud. Paris, Denoël.*

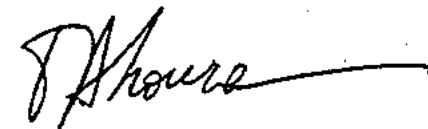
Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio pela aluna Martha Hirsch Gusmão, intitulada "Olhar, compreender e concluir - uma contribuição à questão do tempo lógico na teoria e prática psicanalítica", e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes Professores:



Sérgio Augusto Figueira
Orientador / PUC-Rio



Josaida Gondar
UERJ



Octavio de Souza
PUC-Rio

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 28 de abril de 1995



Jurgen Heye

Coordenador dos Programas de
Pós-Graduação do Centro de Teologia e Ciências Humanas